



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

A VARIAÇÃO DO FONEMA FRICATIVO ALVEOLAR /s/ NA
LÍNGUA FALADA NA CIDADE DE OROCÓ

CARLOS ÁLACK DE LIMA

Serra Talhada – 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

CARLOS ÁLACK DE LIMA

**A VARIAÇÃO DO FONEMA FRICATIVO ALVEOLAR /s/ NA
LÍNGUA FALADA NA CIDADE DE OROCÓ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Livia de Araújo Santos

Serra Talhada – 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L732v Lima, Carlos Álack de
A variação do fonema fricativo alveolar /s/ na língua falada na cidade de Orocó / Carlos Álack de Lima. - 2020.
66 f. : il.
- Orientadora: Renata Livia de Araujo Santos.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras,
Serra Talhada, 2021.
1. Aspiração. 2. Fricativa. 3. Variação. 4. Sociolinguística. 5. Orocó. I. Santos, Renata Livia de Araujo, orient. II. Título

CDD 410



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

CARLOS ÁLACK DE LIMA

A VARIAÇÃO DO FONEMA FRICATIVO ALVEOLAR /s/ NA
LÍNGUA FALADA NA CIDADE DE OROCÓ

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Renata Livia de Araújo Santos – UFRPE/UAST
1^a examinadora/orientadora

Prof^ª. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito – UFRPE/UAST
2^a examinadora

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins – UFAPE
3^o examinador

Serra Talhada – 2021

Dedico este trabalho à minha esposa Renata, ao meu filho José Álack e à minha mãe Izilda, pelo apoio e paciência durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, sou grato a Deus por me dar coragem e perseverança para me manter firme nessa longa jornada acadêmica, pois sem essa força eu não conseguiria chegar nesse momento de satisfação e alegria.

Agradeço primeiramente à minha orientadora e esposa, Renata Livia de Araújo Santos, pela paciência e por ter me aceitado como seu orientando, pela motivação e dedicação, pelo apoio de sempre, pois sem esse apoio eu não conseguiria realizar este trabalho.

Agradeço em especial ao meu filho, José Álack dos Santos Lima, que me deu, mesmo que indiretamente, incentivo suficiente para concluir este trabalho, à minha mãe, Izilda Cândida de Lima, pelo apoio incondicional e por ter me educado e ensinado a lutar contra os obstáculos, e à minha família, minha irmã, meu cunhado, meus 3 sobrinhos e à família da minha esposa, que também é minha, sem o apoio deles nada disso seria possível.

Agradeço a todos os orocoenses que se dispuseram para me ajudar a realizar esta pesquisa, principalmente, aos meus colaboradores, pela disponibilidade para a realização das entrevistas.

Agradeço à banca avaliadora deste trabalho, por se disporem a avaliar este trabalho, aos professores do curso de Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) pela atenção aos discentes e a ajuda nos momentos cruciais, ao Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Letras, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho, aos meus colegas de turma, pois sempre estivemos unidos nessa longa jornada que foi a graduação, em especial ao Rodrigo, ao Eduardo, à Rafaela e à Rúbia, pela direta e grande contribuição para o término deste trabalho, muito obrigado.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa quantitativa dentro dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística (2008 [1972]), a fim de mostrar dados significativos sobre a fala dos moradores da cidade de Orocó. Observamos a variação linguística presente na fala dos orocoenses a partir da seleção do fenômeno de aspiração do fonema fricativo alveolar dental desvozeado /s/, que chamou a nossa atenção devido à grande ocorrência presente na transcrição dos dados. A pesquisa fundamenta-se, mais especificamente, na Teoria da Variação Linguística, de Labov (2008 [1972]), que tem como proposta de estudo observar a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Essa relação é mútua e intensifica a heterogeneidade da língua, que por sua vez já é interna e natural ao sistema linguístico. Para este estudo, contextualizamos o fenômeno analisado, a variante [h], mediante os estudos sobre a Fonética e a Fonologia que, por sua vez, são os estudos da produção da fala. A metodologia do trabalho se estabelece por meio da elaboração de um roteiro para a realização da pesquisa em que foram feitas coletas de fichas sociais e de dados linguísticos por meio de entrevistas, da transcrição dos dados coletados, da codificação e da rodagem dos dados através do programa computacional GoldVarbX. Com isso, notamos que na comunidade de fala em questão há a presença do fenômeno de aspiração [h] da fricativa /s/. Dentre as variáveis postas em análise, as que tiveram um percentual maior de influência foram: contexto precedente, contexto precedente e sexo, nessa ordem, respectivamente. Entretanto, consideramos que os moradores da cidade de Orocó-PE, por meio da nossa análise, tendem a realizar pouco o fenômeno de aspiração.

Palavras-chave: Aspiração. Fricativa. Variação. Sociolinguística. Orocó.

ABSTRACT

This work presents a quantitative research within theoretical and methodological hypotheses of Sociolinguistics (2008 [1972]), in order to show significant data on the discourse of residents of Orocó city. We observed linguistic variation presents in the speech of orocoenses from the selection of the phenomenon of aspiration voiceless fricative alveolar dental phoneme /s/, which caught our attention due to the great occurrence present in the transcription of the data. The research is based, more specifically, on Theory of Linguistic Variation, by Labov (2008 [1972]), whose study proposal is to observe relationship between the language we speak and the society we live in. This relationship is mutual and intensifies language heterogeneity, which in turn is already internal and natural to the language system. For this study, we contextualize the phenomenon analyzed, the variant [h], by means studies on Phonetics and Phonology, which in turn are the studies of speech production. Is established a methodology work through the elaboration of a roadmap for research realization in which social and linguistic data, it were collected through interviews, of the transcription of collected data, of the codification and of the running of data through the GoldVarbX computer program. Therefore, we note in the question speech community there is presence of the phenomenon of aspiration [h] of fricative /s/. Among the variables analyzed, those had a higher percentage of influence were: proceeding context, previous context and gender, in this order respectively. However, we consider the inhabitants Orocó-PE city, through our analysis, residents tend to perform little the phenomenon of aspiration.

Key-words: Aspiration. Fricative. Variation. Sociolinguistic. Orocó.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistemas que compõem o aparelho fonador.....	22
Figura 2: Obstrução da passagem de ar.....	26
Figura 3: Movimento de produção do segmento /s/.....	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Alfabeto Fonético Internacional.....	23
Quadro 2: Símbolos fonéticos consonantais do português brasileiro.....	23
Quadro 3: Fonemas consonantais do português brasileiro.....	25
Quadro 4: Estratificação social dos colaboradores.....	36
Quadro 5: Ordem de relevância das variáveis.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ausência e presença do fenômeno de aspiração da alveolar desvozeada /s/ na cidade de Orocó-PE.....	43
Gráfico 2: Resultado da variável dimensão do vocábulo.....	45
Gráfico 3: Resultado da variável classe de palavra.....	46
Gráfico 4: Resultado da variável contexto precedente.....	48
Gráfico 5: Resultado da variável contexto procedente.....	50
Gráfico 6: Resultado da variável posição.....	52
Gráfico 7: Resultado da variável sexo.....	53
Gráfico 8: Resultado da variável idade.....	55
Gráfico 9: Resultado da variável escolaridade.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Números da variável dimensão do vocábulo.....	45
Tabela 2: Números da variável classe de palavras.....	47
Tabela 3: Números da variável contexto precedente.....	49
Tabela 4: Números da variável contexto procedente.....	50
Tabela 5: Números da variável posição.....	52
Tabela 6: Números da variável sexo.....	54
Tabela 7: Números da variável idade.....	55
Tabela 8: Números da variável escolaridade.....	57

SUMÁRIO

Introdução.....	14
1. Referencial Teórico.....	16
1.1 Fundamentos Fonético-Fonológicos.....	21
1.1.1 Fonética.....	21
1.1.2 Fonologia.....	24
1.1.3 A Fricativa Alveolar Dental Desvozeada /s/.....	26
1.2 Trabalhos Realizados.....	29
2. Procedimentos Metodológicos.....	33
2.1 Metodologia Usada na Pesquisa.....	33
2.1.1 Comunidade de Fala Orocó.....	34
2.1.2 Colaboradores.....	36
2.1.3 Coleta de Dados.....	37
2.1.4 Transcrição.....	38
2.2 Programa Computacional Goldvarb X.....	39
3. Análise e Discussão dos Dados.....	43
4. Considerações Finais.....	59
5. Referências.....	61
6. Apêndices.....	63

INTRODUÇÃO

A língua nos permite interagir com o meio social, algo instintivo ao ser humano, que desperta a necessidade e a curiosidade de compartilhar aquilo que aprendemos, nos permite reconhecer se determinado indivíduo faz parte de um grupo social, ou de outro, através de diferenças linguísticas existentes na língua. Essas “diferenças linguísticas” podem ser chamadas também de “variações linguísticas”, formas diferentes de uso da língua para se referir a uma mesma coisa.

Foi por meio da evolução dos estudos linguísticos que surgiram vários tipos de estudos e é dentro desses diversos estudos que selecionamos um para analisarmos a língua e a sua variação, os estudos Sociolinguísticos. Assim, apresentamos neste trabalho um estudo sobre a variação do fonema fricativo alveolar desvozeado /s/, mais especificamente sobre a sua forma de realização como /h/, conhecida também como fenômeno de aspiração.

A importância deste trabalho se faz pela necessidade de estudarmos as várias formas através das quais a língua portuguesa do Brasil se apresenta, mapeando a variedade usada por uma comunidade de fala até então não estudada, pelo menos não linguisticamente. Sendo assim, neste trabalho, apresentamos uma pesquisa quantitativa, dentro das normas da sociolinguística variacionista, a fim de obter resultados expressivos sobre a fala dos moradores de Orocó, município do interior do estado de Pernambuco. Para isso, organizamos este trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, é apresentado o referencial teórico da pesquisa, discutindo preferencialmente questões da variação linguística estabelecidas pelo pesquisador Labov. Não menos importante, trazemos pontos fundamentais para o nosso trabalho sobre a Fonética, a Fonologia e também sobre o nosso objeto de estudo, a fricativa alveolar, uma vez que a nossa pesquisa se dá a nível fonético-fonológico. Além disso, ainda nesse capítulo, falamos de forma breve sobre alguns trabalhos já realizados acerca do fenômeno estudado.

No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos de acordo com o que Labov (2008 [1972]) estabelece, bem como as informações da metodologia usada para a realização da pesquisa tais como: os procedimentos, a comunidade de fala, os colaboradores, a execução da coleta de dados e o método de transcrição desses dados. Continuando nesse capítulo, falamos sobre o Programa Computacional Goldvarb X, que tem como objetivo tratar os dados estatísticos dos fenômenos variáveis.

No capítulo três, mostramos toda a análise e discussão feita sobre a nossa pesquisa. Os resultados são expostos por meio de números, gráficos e quadros e explicados linguisticamente.

Por fim, trazemos nossas considerações finais sobre a pesquisa realizada e as referências bibliográficas, além dos apêndices.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A linguística há muito tempo vem estudando as línguas que existem em nosso cotidiano, desde a concepção de língua até a sua evolução vista nos dias atuais. Com as constantes mudanças ocorridas nas línguas naturais é possível perceber as diferenças que existem em uma mesma língua, por exemplo, assim como também são notáveis as diferenças entre uma língua e outra.

A língua de um determinado país permite que os seus falantes se comuniquem oralmente, tendo um perfeito entendimento entre si, não importando sua classe social, econômica, escolar ou tampouco sua idade. Também pode ser irrelevante para o entendimento da comunicação a região a que cada um desses indivíduos pertence dentro do seu país. No entanto, cada região possui algum tipo de influência, isso se dá pelo fato histórico de colonização que alguns países têm em suas histórias. Podemos usar como exemplo o Brasil, o nosso país, tão extenso e tão cheio de culturas, impossível não enxergar e ouvir os vários sotaques e tipos de fala que existem nele.

Usando o exemplo citado acima, é perceptível a necessidade de se estudar as diferenças e mudanças que ocorrem na língua. Com base nisso, surgem os estudos linguísticos descritivos, observando o comportamento de uma língua. Mas antes, várias teorias linguísticas, com diversas concepções de língua, foram elaboradas por diversos linguistas, que analisavam desde a formação de cada palavra até o uso prático delas. Podemos aqui citar algumas áreas de estudo como, por exemplo, o estruturalismo, que ficou muito conhecido por meio dos estudos do linguista Ferdinand de Saussure, que elaborou a dicotomia *langue x parole* (língua x fala), explicando que os estudos linguísticos devem deixar de lado a fala e focar somente na língua. Assim, ele procurou explicar a língua por si e em si, sem precisar buscar fatores externos, formulando, também, que a língua é um sistema autônomo.

Outro estudo de grande importância foi o gerativismo, surgido na década de 1950 através dos estudos do linguista Noam Chomsky, que deram uma grande contribuição para o estudo da sintaxe. Segundo Chomsky, a linguagem é inata ao ser humano e devido a isso um indivíduo pode reconhecer uma sentença gramatical (normal na sua língua) e agramatical (estranha na sua língua) (MARTELOTTA, 2008). Ele também reforça que a todo momento são geradas novas frases em uma língua pelo seu falante natural (criatividade linguística), daí se dá o nome da sua teoria linguística, que é a Gramática Gerativa, desenvolvida a partir da Sintaxe, caracterizada por constantes reformulações, gerando novas sentenças. Ou seja,

um dos principais objetivos dos estudos chomskyanos era, e ainda é, explicar o caráter gerativo da língua (OTHERO; KENEDY, 2015).

Foi entre os séculos XIX e XX que ocorreu o surgimento desses estudos, o estruturalismo (Saussure) e o gerativismo (Chomsky), que não consideravam a parte funcional da língua. Posteriormente, com a necessidade de estudos a partir de uma abordagem social e funcional da língua, no ano de 1966, surgiram os estudos sociolinguísticos. William Labov juntamente com Uriel Weinreich e Marvin Herzog apresentam o simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, que abordou questões sobre a mudança linguística e motivações sociais, e é a partir daí que esses três linguistas lançam os estudos sociolinguísticos (COELHO, 2015).

Durante a elaboração dos seus estudos, Labov e seus companheiros procuraram destacar questões importantes dos estudos feitos por outros linguistas, como os de Saussure e Chomsky, anteriormente aqui citados, concordando com a noção de que a língua é um sistema e um conjunto de regras, porém, discordando desses estudiosos quanto à homogeneidade e autonomia da língua, como podemos ver em Coelho (2015, p.58):

Em Saussure, WLH criticam principalmente a visão de língua como uma estrutura autônoma e homogênea, desvinculada de fatores externos, e a separação entre diacronia e sincronia. Da proposta saussureana, os autores assumem a noção de língua como sistema, embora rejeitem a implicação direta entre sistematicidade e homogeneidade.

Quanto à proposta chomskyana, WLH criticam a concepção de língua como um sistema homogêneo, desvinculado de fatores históricos e sociais, assim como a noção de comunidade de fala abstrata, homogênea, composta por falantes-ouvintes ideais. Da mesma forma, criticam o fazer científico com base em dados linguísticos correspondentes às intuições do pesquisador e/ou dos falantes. Por outro lado, compartilham, o postulado de que a língua é um sistema abstrato de regras.

A partir disso, Labov ganha destaque com diversas publicações que foram fundamentais para os estudos sociolinguísticos, consolidando-se como uma das grandes referências nessa área de estudo.

A sociolinguística tem como proposta de estudo observar a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Ou seja, ela estuda a língua em uso em cada comunidade de fala¹, grupo no qual, através de convenção, são constituídas as normas que regem a língua do lugar, e analisa o comportamento da fala de uma comunidade. A

¹ Debateremos melhor sobre comunidade de fala no tópico 2.1.1, na página 34.

sociolinguística leva em conta, também, fatores que podem exercer pressão sobre a maneira com que os falantes fazem uso da língua, alguns desses fatores podem ser: o nível econômico, a escolaridade, a idade, etc. Desse modo, a relação entre língua e sociedade é mútua e intensifica a heterogeneidade da língua, que por sua vez já é interna e natural ao sistema linguístico. Sendo assim, a variabilidade da língua é inegável, e é com base nessa variação que essa vertente linguística é chamada de Sociolinguística Variacionista, que pode ser também chamada de Sociolinguística Laboviana, devido à grande contribuição de Labov para os estudos sociolinguísticos; Sociolinguística Quantitativa, por causa do seu caráter empírico e quantitativo para obter os resultados; e por Teoria da Variação e Mudança Linguística, por trabalhar com questões de variação e mudança na língua.

Vale salientar que para entender melhor a sociolinguística variacionista é preciso saber as noções de alguns termos técnicos importantes, como: variedade, variação, variável e variante. Podemos entender por variedade as características linguísticas de diferentes grupos sociais de falantes de uma mesma língua, mas que residem em regiões diferentes ou possuem profissão, idade, gênero diferentes, enfim, são vários os critérios que podem ser usados para sistematizar a variedade linguística (os geográficos, sociais, profissionais etc.), mas o que vai determinar essa variedade é o repertório linguístico que cada falante possui. Entretanto, essa variabilidade da língua não provoca um caos teórico, ao contrário, todos compreendem o que o outro fala, uma vez que são falantes da mesma língua.

Já a noção de variação, nada mais é que o processo pelo qual as diferentes formas linguísticas são usadas por determinada comunidade de fala e/ou até mesmo por um indivíduo. O exemplo do “tu” e “você” usado por Coelho (2015, p.16) ilustra perfeitamente essa noção de variação, “para um sociolinguista, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma “tu” quanto a forma “você” não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento”. Mas, a variação não é somente isso, ela também pode mostrar ao pesquisador fragmentos da origem daquele indivíduo, seja social, econômica ou de instrução escolar.

Há, também, outras duas noções, não menos importantes, para entendermos melhor a Sociolinguística Variacionista, variante e variável. A primeira corresponde às diferentes formas de se dizer uma mesma coisa, sendo pelo menos uma dessas formas considerada variante padrão e a outra considerada variante não padrão². Já o segundo termo, variável,

² Noções relacionadas ao padrão das Gramáticas Normativas.

apresenta duas noções diferentes, uma de variável dependente, conjunto de variantes, ou seja, a própria variação em si, o fenômeno linguístico a ser analisado, e a outra de variáveis independentes, que podem ser entendidas como conjunto de fatores que influenciam o uso da variação. Esse grupo de fatores, também chamado de condicionadores, de acordo com Labov (2008 [1972]), pode ser de ordem estrutural (internos à língua) ou de ordem social (externos à língua), gerando os condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

Os condicionadores linguísticos dizem respeito aos níveis de análise linguística, ocasionando, assim, diferentes tipos de variação (COELHO, 2015, p. 23). São eles:

- Variação lexical – a variedade do léxico conforme a região geográfica, um mesmo objeto ou fruta ou animal podem ser chamados por vários nomes a depender da região, como é o caso da macaxeira, que também pode ser chamada de aipim.
- Variação fonético-fonológica – os fenômenos linguísticos existentes em uma língua no nível fonológico, como os casos de rotacismo e iotacismo³ no português brasileiro.
- Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática – quando um fenômeno ocorre em dois ou mais níveis da gramática, seja morfológico, fonológico e/ou sintático.
- Variação sintática – as várias formas sintáticas que uma oração pode se apresentar sem que ocorra alteração de valor no seu sentido, como o caso das construções relativas⁴.
- Variação discursiva – os conectores observados em um contexto, que fazem uma ligação coesa entre as informações em um texto.

Por outro lado, os condicionadores extralinguísticos ocasionam os seguintes tipos de variação (COELHO, 2015, p. 37):

- Variação diatópica (regional ou geográfica) – algumas palavras particulares e alguns traços fonéticos possibilitam o reconhecimento, por exemplo, da origem de um indivíduo, são as chamadas: marcas linguísticas.
- Variação diastrática (social) – variação linguística que ocorre devido às diferentes características sociais dos indivíduos. Os principais condicionantes dessa variação são: grau escolar, nível socioeconômico, sexo e idade.

³ Rotacismo é a troca entre os fonemas /r/ e /l/; iotacismo é quando uma consoante possui valor de uma vogal.

⁴ Oração que normalmente é introduzida pelo elemento linguístico “que”.

- Variação diafásica (estilística) – a seleção de linguagens que o indivíduo faz em determinado contexto podendo ser formal ou informal. Nessa variação, também podem influenciar na fala do indivíduo alguns condicionadores de ordem social.
- Variação diacrônica (de época) – a verificação de formas que possam estar em estágio de variação ou de mudança, nesse caso, faz-se o uso de observações linguísticas feitas em diferentes épocas.

Precisamos deixar claro que essas variações não ocorrem de forma isolada, portanto, há influência entre os próprios condicionadores. O que estamos querendo dizer é que em um tipo de variação pode ocorrer um outro tipo também, pois os condicionadores estruturais e sociais podem exercer influências mútuas.

Além disso, no processo de variação linguística, as formas em competição são avaliadas, socialmente, de modos distintos, devido às pressões sociais, mais especificamente aos preconceitos linguísticos, que são associados à língua e, conseqüentemente, a quem os produz. Labov (2008, [1972]), ao reconhecer que há julgamentos sociais acerca da língua, que podem ser conscientes e inconscientes, apresenta três categorias relacionadas à avaliação social, são elas: estereótipos linguísticos, marcadores linguísticos e indicadores linguísticos. Essa avaliação acontece de acordo com o nível de consciência que o falante possui sobre a língua.

De acordo não só com Labov, mas também com Freitag et al (2016) e Coelho et al (2012), os estereótipos são traços linguísticos que de forma consciente são socialmente marcados pelos falantes; os marcadores são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, cujo julgamento social ocorre de forma inconsciente, mas que pode ser percebido por testes subjetivos; e os indicadores são traços linguísticos socialmente estratificados, mas que não estão sujeitos à variação estilística e a testes avaliativos, mesmo sendo julgados de forma inconsciente.

Sendo assim, após a explanação sobre as características dos estudos sociolinguísticos e para continuarmos o nosso debate neste trabalho, no tópico seguinte trazemos uma discussão voltada para a variação de ordem fonético-fonológica, observando a influência de possíveis condicionadores internos e externos ao sistema linguístico, uma vez que a nossa pesquisa trabalha com um fenômeno cujo nível linguístico de análise é fonético-fonológico.

1.1 FUNDAMENTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Nessa seção explanaremos sobre questões fonético-fonológicas a fim de uma melhor contextualização do fenômeno a ser analisado. De início, abordamos a relação entre Fonética e Fonologia. Em seguida, apresentamos o fenômeno em questão. E por fim, tratamos de alguns trabalhos já realizados acerca do assunto.

A Fonética e a Fonologia são os estudos da produção da fala e para conhecermos melhor a forma com que produzimos a nossa voz faz-se necessário um pouco mais de aprofundamento nesse quesito, mais especificamente do ponto de vista “articulatório e fisiológico” (SILVA, 2014). Apesar de a Fonética e a Fonologia estarem juntas na descrição de como produzimos nossa fala, é inevitável não tratarmos ambas de maneira separada. A Fonética tem o foco em descrever os sons da fala, de que forma articulamos essa produção. A Fonologia se preocupa em estudar as estruturas silábicas de uma determinada língua a fim de explicá-las, como podemos ver em Cagliari e Cagliari (2006, p.106):

enquanto a Fonética é basicamente descritiva, a Fonologia é uma ciência explicativa, interpretativa; enquanto a análise fonética se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala, a análise fonológica busca o valor dos sons em uma língua – em outras palavras, sua função linguística.

Assim, nessa seção abordamos as duas vertentes de maneira diferente, porém fazendo relação ao mesmo objeto de estudo, os sons da fala.

1.1.1 FONÉTICA

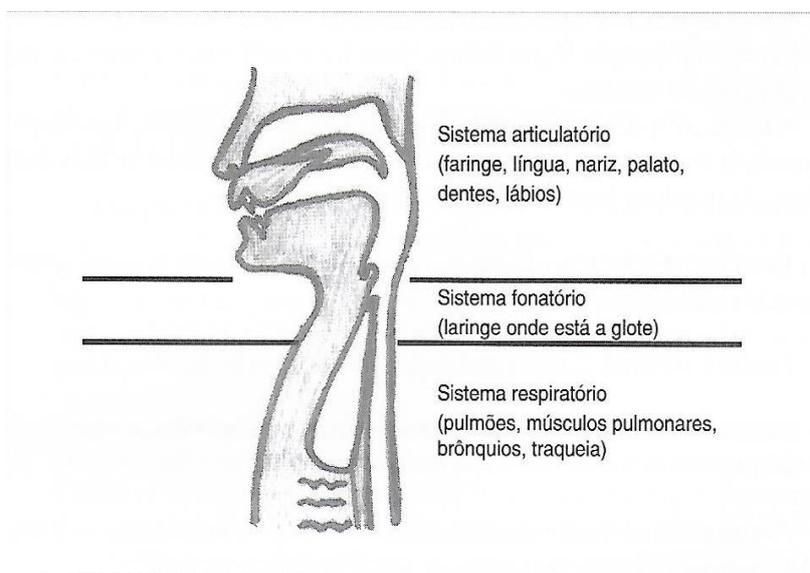
Do ponto de vista da Fonética, os sons que produzimos só são possíveis de realização devido ao aparelho fonador, porém, como sabemos, o aparelho fonador não tem como principal função a produção de fala, conforme Silva (2014, p. 24) explicita:

Na verdade, não existe nenhuma parte do corpo humano cuja única função esteja apenas relacionada com a fala. As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes como, por exemplo, mastigar, engolir, respirar ou cheirar.

Mas, então, o que fez com que nós, seres humanos, conseguíssemos produzir a fala? Talvez, assim como em outros aspectos humanos, a necessidade de evoluirmos tenha nos possibilitado tal façanha. Mas, não nos prolongaremos mais sobre essa questão, deixemos isso para uma outra oportunidade. Assim, voltemos ao nosso foco que é o aparelho fonador.

De acordo com Silva (2014), o aparelho fonador é a parte do corpo humano que usamos para produzir os sons. Ele se divide em três grupos que são chamados de: sistema articulatório, sistema fonatório e sistema respiratório. Como podemos ver na figura abaixo:

Figura 1: Sistemas que compõem o aparelho fonador



Fonte: Silva, 2014, p. 24

A junção desses três sistemas, juntamente com o ar que respiramos, formam o mecanismo completo para a produção da fala. Desse modo, tudo começa pelo sistema respiratório que impulsiona o diafragma para cima fazendo com que o ar se movimente, passando pelo sistema fonatório, onde estão localizadas as cordas vocais (responsável pelo vozeamento ou desvozeamento), chegando até o sistema articulatório, onde serão definidos os vários tipos de sons possíveis de produção.

Esses três sistemas que formam o aparelho fonador possuem uma série de órgãos que usamos durante a produção dos sons, tais como: pulmões, laringe, nariz, língua, dentes, lábios etc. Esses sons que produzimos são chamados de fones que, segundo Santos e Souza (2014, p.11), “são unidades constituintes da linguagem humana que se caracterizam por serem as mínimas unidades discretas constituintes do sistema linguístico e se organizarem linearmente nas diversas línguas”. Ou seja, são representações fisio-articulatórias dos sons. Os fones são usados, também, para transcrevermos fielmente aquilo que foi falado através de símbolos (transcrição fonética), também conhecidos como “notação fonética” (SEARA, 2015), que formam o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), como podemos ver no quadro:

Quadro 1: Alfabeto Fonético Internacional

	bilabial	labiodental	dental	alveolar	pós-alveolar	retroflexa	palatal	velar	uvular	faringal	glotal
Oclusiva	p b			t d		t̠ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante				r					ʀ		
Tepe (ou flepe)		ʋ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	X ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aprox. lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Fonte: Seara, 2015, p. 26

No entanto, usaremos como base para nosso estudo apenas os segmentos consonantais que ocorrem no português brasileiro:

Quadro 2: Símbolos fonéticos consonantais do português brasileiro

Articulação	Maneira	Lugar	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv		p		t			k	
	voz		b		d			g	
Atrcada	desv					tʃ			
	voz					dʒ			
Fricativa	desv			f	s	ʃ		X	h
	voz			v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	voz		m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe	voz				ɾ				
Vibrante	voz				ʀ				
Retroflexa	voz				ɻ				
Lateral	voz				l ɭ		ʎ ʟ		

Fonte: Silva, 2014, p. 37

Como podemos ver, o quadro fonético do português brasileiro possui, respectivamente, 29 símbolos fonéticos. São diversas maneiras (modo) e lugar de articulação possíveis para produzirmos os sons.

No tópico a seguir, veremos os símbolos fonológicos bem como alguns conceitos importantes da Fonologia.

1.1.2 FONOLOGIA

De acordo com Seara (2015, p.92), “a fala é um contínuo com sons que se juntam, se modificam e se hibridizam”, e é com base nisso que a fonologia busca explicar o valor dos sons na língua. Assim, a Fonologia está relacionada diretamente com a distinção entre as letras do alfabeto através da mudança de sentido, bem como com a elaboração de ortografias que representam a escrita de uma língua. Nesse sentido, Mori (2006, p.149) explica:

A fonologia estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado (ex.: [p]ato/[m]ato), ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras.

Além disso, a fonologia também tenta dar conta da organização e das explicações referentes aos sons possíveis que podem ocorrer em determinada língua. No caso do português brasileiro, na sua estrutura parece haver uma limitação acerca da realização de algumas palavras, como por exemplo, as que começam com as consoantes em sequência /v/ e /r/, cujo registro não é encontrado nessa língua, mas por outro lado, parece ser possível sua realização quando se dá em final de palavra, como em /pa^lavra/. No entanto, não parece ser impossível, por exemplo, a realização das consoantes em sequência, /p/ e /l/, em início de palavra, como por exemplo a palavra /^lplanta/.

Vale lembrar que dentro da fonologia é necessário saber de alguns conceitos para realizar uma boa análise. Assim, podemos listar três como principais conceitos, a saber: fonema, alofone e arquifonema. Começamos então por fonema, que tem como definição: a unidade linguística mínima e abstrata de sentido. Essa unidade, sozinha, não terá sentido, porém, ao mesmo tempo, em comparação com outras unidades, se distinguirá das outras unidades justamente pela mudança de sentido possível em determinada palavra, constituindo também um par mínimo, como afirma Seara (2015, p.100):

Essas unidades mínimas que distinguem as palavras entre si são denominadas fonemas e passam a ser anotadas entre barras oblíquas. Assim, constatamos que /v/-/p/ e /t/-/l/ são fonemas no PB. Cada par de palavras que se distingue por um único som ([v]endiam-[p]endiam e ga[t]os-ga[l]os) é chamado de par mínimo.

O segundo conceito diz respeito aos alofones que se caracterizam pela não mudança de significado entre dois segmentos. Em outras palavras, tal contexto também pode ser

chamado de variação fonológica. Podemos usar como exemplos, os fonemas /z/~/ʒ/⁵. Nas seguintes realizações [ˈmezmu]~[ˈmeʒmu], eles não alteram o significado da palavra “mesmo”, como também nos exemplos: [ˈfesta]~[ˈfɛʃta], em que /s/~/ʃ/ não acarretarão nenhuma mudança de sentido da palavra “festa”.

Os arquifonemas, por sua vez, são caracterizados pela neutralização gerada devido à perda de contraste entre dois ou mais fonemas. Assim sendo, essa perda de contraste será representada por um símbolo denominado por “arquifonema”. No português brasileiro existem três arquifonemas, são eles: /R/-/S/-/N/, respectivamente, esses arquifonemas representam os seguintes sons: [r,r,h,ʁ]-/R/; [s,z,ʃ,ʒ]-/S/; e [n,m]-/N/. No entanto, Seara (2015, p.109) alerta sobre uma problemática relacionada ao arquifonema /N/. Ela relata que para levar em consideração esse arquifonema é preciso partir de uma das teorias fonológicas que ela apresenta:

Há, então, duas possibilidades: (i) temos sete vogais orais e um arquifonema nasal, que pode se combinar com algumas vogais para resultar nas vogais nasais, ou (ii) temos sete vogais orais e cinco vogais nasais, e não há, portanto, a necessidade de um arquifonema nasal.

Dessa forma, a transcrição fonológica para o arquifonema /N/ vai depender da corrente teórica que o pesquisador irá abordar. Assim, sabendo da diferença de sentido que existe entre os fonemas, gerada em determinada palavra e retomando o que foi dito em alguns parágrafos acima, os pares mínimos são responsáveis por estabelecer a distinção entre os segmentos consonantais. Sabendo disso, o português brasileiro possui dezenove fonemas consonantais distintos que se organizam, observemos o quadro a seguir:

Quadro 3: Fonemas consonantais do português brasileiro

	Bilabial	Labio dental	Dental Alveolar	Alveolar Palatal	Palatal	Velar	Uvula/ Glotal
Nasal	m	n			ɲ		
Plosiva	p / b		t / d			k / g	
Fricativa		f / v	s / z	ʃ / ʒ			R
Lateral			l		ʎ		
Tepe			r				

Fonte: o autor.

⁵ O símbolo ~ indica variação entre dois segmentos fonético-fonológicos.

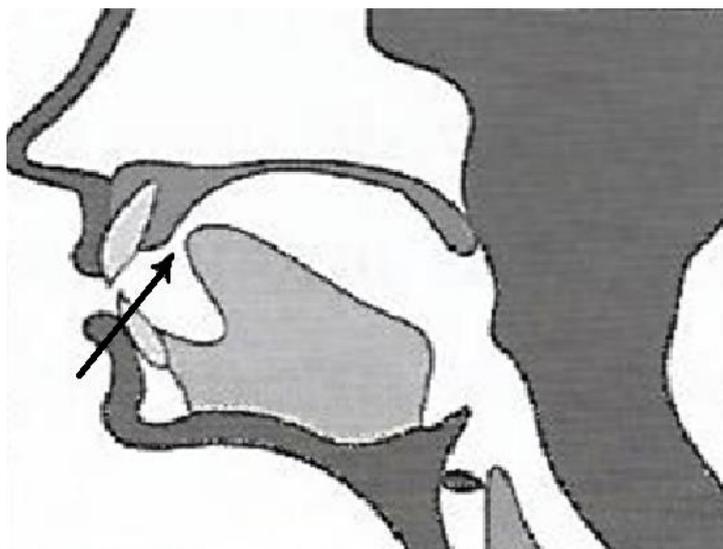
Os conceitos explanados, tanto nesse tópico como no tópico anterior, são de extrema relevância para esta pesquisa. Vale salientar que, além desses conceitos também existem outros de igual importância, porém percebemos que os conceitos abordados contemplam o que se necessita, no âmbito fonético-fonológico, para o nosso estudo. Sendo assim, podemos partir para o conhecimento sobre o fenômeno fonético-fonológico a ser analisado.

1.1.3 A FRICATIVA ALVEOLAR DENTAL DESVOZEADA /s/

Neste tópico, apresentamos o segmento de análise escolhido para esta pesquisa, o fonema consonantal /s/, bem como explanaremos sobre as suas características e algumas das suas formas alternativas possíveis no português brasileiro.

O fonema fricativo alveolodental /s/ faz parte do alfabeto consonantal fonológico do português brasileiro. No alfabeto ortográfico, ele é representado pela letra “s” e no alfabeto fonético, ele é representado pelo fone [s]. Tratando-se de um segmento fricativo, no processo de produção do som do seguimento em questão ocorre uma passagem de ar muito restrita pelo trato vocal, como podemos observar na figura ilustrativa abaixo:

Figura 2: Obstrução da passagem de ar.

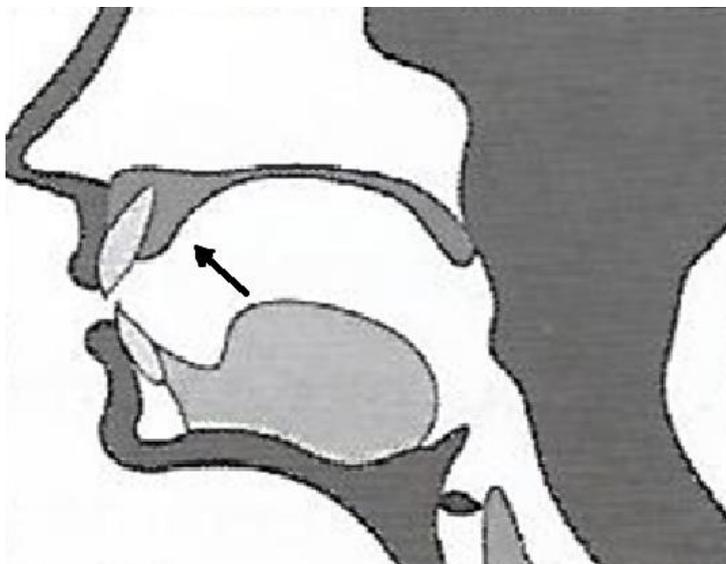


Fonte: Adaptado de Seara, 2015, p.74

A articulação do /s/ se dá devido ao contato da ponta da língua com a parte posterior dos dentes superiores chegando a tocar no início do céu da boca (alvéolo). Assim, com o levantamento da ponta da língua (articulador ativo) em direção à parte posterior dos dentes

superiores (articulador passivo) faz com que haja uma obstrução na passagem do ar fazendo com que ele passe pelos lados e não pelo centro. Além disso, o movimento que acontece durante a sua produção é o que define o fonema /s/ como alveolodental.

Figura 3: Movimento de produção do segmento /s/



Fonte: Adaptado de Seara, 2015, p.74

Para os articuladores, podemos formular as seguintes definições, o articulador ativo é a estrutura que se movimenta até a parte fixa, já o articulado passivo é a estrutura fixa que recebe o toque da parte que se movimenta. Além disso, vale lembrar que o ar que vem dos pulmões passa totalmente pela cavidade oral e as cordas vocais não vibram. Assim, a consoante fonológica /s/ pode ser descrita, de acordo com suas propriedades articulatórias, como uma consoante fricativa, alveolar, dental, desvozeada.

Como o /s/ trata-se de uma consoante, observamos que o segmento pode aparecer em posição intervocálica (entre vogais), em posição de fronteiras de sílabas e também em final de palavras. Não podemos esquecer que esse segmento também aparece em onset⁶ silábico tanto em posição inicial de palavra quanto no interior da palavra. Podemos usar como exemplos dos contextos citados as seguintes palavras: “[s]ecador”, “fruta[s]”, “de[s]locar”, “cabe[s]a”.

⁶ Na estrutura silábica CVC, em que a vogal é o núcleo, o segmento consonantal em onset é aquele que sempre precede a vogal. Ou seja, o segmento consonantal encontra-se em posição de ataque.

Salientamos que, nas leituras realizadas para esta pesquisa, notamos que a realização fonética dessa fricativa tem mostrado algumas outras alternativas que ocorrem em determinadas regiões do Brasil.

Sabemos que a fricativa alveolodental /s/ está inserida no conjunto das sibilantes⁷, a saber [s,z,ʃ,ʒ], e, por possuírem várias propriedades articulatórias em comum e compartilharem a propriedade de vozeamento com o segmento consonantal que a segue, pode haver influência fonética em sua variação. Ou seja, o que motiva, principalmente, essa alternância é a semelhança articulatória que existe entre elas e o ambiente silábico em que se encontram, procedimento chamado de assimiliação⁸.

Além disso, notamos que, aparentemente, as suas formas alternativas de representação, devido ao processo de assimilação, sem que haja mudança de sentido da palavra, se limitam. Ou seja, o que queremos dizer é que o /s/ poderá ser substituído, apenas, pela fricativa palatal desvozeada [ʃ], como em “festa” = [ˈfɛʃtə]~[ˈfɛstə], e pela fricativa aspirada [h], como em “mas” = [ˈmah]~[ˈmas]. Essas ocorrências também têm suas restrições, a palatalização do /s/ parece ser restrita a ambientes em fronteira e final de sílabas, já a sua aspiração parece ocorrer, preferencialmente, mas não restrito a esse ambiente, em final de palavra. Todavia, notamos que a sua alternância para o segmento /z/ e /ʒ/ parece ser impossível, visto que não encontramos exemplos em leituras e pesquisas realizadas.

Para esta pesquisa, trataremos apenas da variante aspirada [h], visto que durante a transcrição dos dados o seu grande uso ficou em destaque e despertou a nossa atenção para esse fenômeno linguístico variável, a aspiração. Nesse contexto, a aspiração acontece quando o fonema [s] perde o seu aspecto alveolar passando a ser articulada como uma glotal [h], que é um segmento caracterizado, também, por ser fricativo e desvozeado. Em seu artigo, Brescancini (2004, p.93) explica:

Nesses casos, o /s/ final de sílaba enfraquece para uma mera aspiração, uma continuação do processo geral de criação de sílabas abertas. A explicação não está, segundo Hooper (1976), na estipulação de uma fraqueza inerente ao /s/, mas sim na fraqueza da posição de coda.

⁷ Algumas fricativas são também chamadas de sibilantes porque seu modo de articulação, produzidos ao projetarem um jato de ar com a língua em direção a um canal estreito entre os dentes, fica semiaberto. Em outras palavras, a produção desses segmentos é semelhante a um silvo ou um assobio.

⁸ “A assimilação é caracterizada pelo fato de um segmento adquirir uma propriedade de um segmento que lhe é adjacente (como por exemplo a propriedade de vozeamento ou nasalidade)” (SILVA, p.50).

Para sabermos a fundo sobre a realização do seguimento que escolhemos para esta pesquisa, pesquisamos sobre alguns trabalhos já realizados sobre o assunto. Sendo assim, no próximo tópico expomos alguns desses trabalhos.

1.2 TRABALHOS REALIZADOS

Benayon (2010), em sua tese de doutorado “Aquisição das fricativas no Português Brasileiro: propriedades distribucionais e variação”, observa a aquisição das fricativas sibilantes no dialeto carioca, sob o construtor teórico dos Modelos Multirrepresentacionais⁹. Ela diz que os segmentos são adquiridos devido à assimilação por parte de uma grande ocorrência das categorias. Assim, a autora investigou a aquisição das sibilantes enquanto fonema em posição de *onset* e enquanto alofone em posição de coda. Os dados foram coletados de 19 crianças, com idade de 1 ano e 9 meses até 4 anos e 6 meses, observando como fatores sociais a sua classe socioeconômica.

Em relação às variantes, observou-se que elas ocorrem das seguintes formas: alveolar /s/ e /z/, palatal /ʃ/ e /ʒ/, velar-glotal /h/, e zero fonético /ø/. Segundo a autora, em posição de *onset* há a ocorrência de todos os fonemas, porém o fonema /z/ parece ter uma maior estabilidade. Já os alofones, apesar de as quatro variantes apresentarem números de ocorrência em posição de coda, a variante palatal foi a que mais se destacou. Já em coda interna, a variante aspirada teve uma ocorrência de 3% e em coda final houve ocorrência apenas em crianças de classe média baixa. O zero fonético foi a variante que teve menos ocorrência por possuir uma forte relação com a aquisição da concordância nominal.

Em Florianópolis, Brescancini (2004) em seu artigo “A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano - variação e teoria”, buscou descrever e analisar, à luz da Teoria da Variação Linguística Laboviana, a realização da fricativa laríngea [h] no dialeto gaúcho (processo também chamado pela autora de “enfraquecimento das fricativas”), levando em conta dois aspectos que caracterizam a força consonantal. Brescancini (2004, p.94) afirma que “A força consonantal caracteriza-se como crucial devido a dois aspectos: (a) determinação do local das consoantes ao redor do núcleo e (b) determinação da diferença entre a posição inicial de sílaba e a posição final”. Ainda de acordo com a autora, a consoante posterior à consoante em posição de final de sílaba influencia a que a precede.

⁹ Para uma melhor compreensão ver Benayon (2010, p.18).

A pesquisadora contou com algumas amostras totalizando 100 informantes. Todas as entrevistas são provenientes do banco de dados do Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil). Em seus resultados, observou-se que a realização da fricativa aspirada /h/ ocorre preferencialmente em posição de coda, sendo que as consoantes laterais e nasais, em contexto seguinte, são os contatos mais propícios para a sua realização. Além disso, viu-se também que o vozeamento das fricativas em posição de coda depende do traço (voz) da consoante seguinte.

Em seu artigo, “Enfraquecimento de fricativas no atlas linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal”, Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) buscaram descrever e analisar a realização das fricativas [v,z,f] no falar do estado do Ceará, observando a possível influência das variáveis linguísticas (contextos fonéticos antecedente e subsequente e tonicidade do segmento) e extralinguísticas (escolaridade e localização geográfica). Assim, as autoras destacam as realizações dessas fricativas tanto em sua forma plena quanto em forma aspirada [h].

Utilizando o *corpus* apresentado pelo Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), publicado em 2010, as autoras selecionaram 265 informantes para compor a sua amostra. Em sua análise, verificou-se que, quanto ao grupo de fatores internos, “há ocorrência de reificação tanto em coda quanto no ataque, no entanto, o contexto fonético onde mais ocorre a forma aspirada é o ataque silábico, contendo 78,6% (11) das ocorrências, enquanto a coda contém apenas 21,4% (3) delas” (RODRIGUES, ARAÚJO e ARAGÃO, 2013, p. 62). Quanto aos fatores externos, percebeu-se que os falantes analfabetos usam mais a forma aspirada, 72% contra 23% desse uso pelos alfabetizados, e que o nordeste do Ceará é a mesorregião onde mais se usa a forma aspirada.

Rodrigues (2012) em seu artigo “A realização variável de fricativas no português brasileiro”, procurou registrar as ocorrências dos segmentos fricativos aspirados no português do Brasil. Como foi verificado que em praticamente todas as regiões brasileiras há estudos sobre o uso desses fonemas (fricativos), decidiu-se então abordar em seu trabalho os primeiros estudos (mas sem o rigor científico atual) e estudos de base sociolinguística e/ou dialetal – estes apenas sobre o português do Brasil. Porém, a autora procurou dar destaque apenas aos trabalhos que registraram ocorrências aspiradas [h] e apagadas [ø] das fricativas /v,s,z,ʃ,ʒ/. Vale salientar que a maior parte dos trabalhos acerca dessas variantes foram encontrados no Ceará, o que caracteriza, segundo a autora, um condicionamento desse fenômeno ao fator diatópico (regional).

Verificou-se que na análise dos trabalhos “as duas variantes consideradas mais inovadoras, dentre as aqui expostas, por muitos pesquisadores – aspirada e apagada – já possuem registros, no português do Brasil, desde 1937, ocorrendo de forma bastante significativa no Estado do Ceará” (RODRIGUES, 2012, p. 20) e que na localidade onde mais realizou-se investigação acerca do fenômeno, os fatores de maior relevância para a ocorrência foram: a usualidade do item lexical, a tonicidade, a classe gramatical, a posição (inicial, medial, final), o contexto fonológico, a relevância informacional, o monitoramento linguístico (informalidade), o sexo (“manifestação de macho”), e o nível de estigmatização em relação à origem do falante (interior do Estado).

Além disso, apurou-se que em Salvador (BA) a aspiração não seria um estereótipo, mas sim um indicador devido ao fenômeno ocorrer em todas os grupos socioeconômicos e etários, os fatores levados em consideração foram os mesmos do estado do Ceará. Em João Pessoa fatores como a escolaridade, o sexo e a faixa etária estariam influenciando a ocorrência da aspiração. Nas demais regiões do Brasil, constatou-se que há predominância das formas palatais e alveolares, já a realização aspirada ocorre em um número bem menor que nos estados do Nordeste.

No estado do Amazonas, Marins e Margotti (2012), buscam analisar em seu artigo, “Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus”, a realização do /S/ pós-vocálico, tanto em posição de coda medial (mesmo) quanto em coda final (mas), utilizando os dados coletados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). No total, os autores analisaram 641 dados fonéticos, sendo que 355 encontravam-se em posição medial de vocábulo e 286 em posição final.

Em sua análise, Marins e Margotti (2012, p. 249) constataram

a existência de três variantes do /S/ pós-vocálico na fala dos informantes: a fricativa alveolar, a fricativa pós-alveolar e a fricativa glotal. Em dados gerais, em posição medial, a fricativa alveolar e pós-alveolar apresentam uma distribuição homogênea (50,1% e 47%, respectivamente). Em posição final, a fricativa alveolar mostrou-se predominante (67,1%).

Em relação à variante fricativa glotal, as ocorrências encontradas no *corpus*, em posição medial, foram poucas, correspondendo a 2,8% do total de vocábulos analisados. Já em posição final, não houve nenhuma ocorrência da variante fricativa aspirada. Portanto, de acordo com o trabalho de Marins e Margotti (2012), na cidade de Manaus, diferentemente dos trabalhos expostos acima, o uso da variante aspirada [h] é quase inexistente.

Tendo conhecido alguns estudos realizados acerca do fenômeno abordado em nossa pesquisa e cientes de que nortearão a nossa análise, iremos expor no próximo capítulo os passos metodológicos desenvolvidos para a realização deste trabalho.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nos estudos sociolinguísticos são verificadas algumas variações na língua usada, mais especificamente na língua falada, entre uma comunidade e outra e entre uma mesma comunidade. Dessa forma, Labov (2008 [1972]), através de uma metodologia variacionista quantitativa, explica que para obter um bom estudo sobre tal língua falada é necessário se ater a alguns métodos de grande importância. Ele elabora alguns passos estratégicos a fim de estabelecer uma boa comunicação e um bom desenvolvimento durante a coleta de dados.

Para começar, o pesquisador precisa se planejar, elaborar um roteiro a ser cumprido e se preparar para possíveis imprevistos. A ficha social, ferramenta de coleta de informações acerca do colaborador, o roteiro de possíveis perguntas e a gravação da entrevista são fundamentais para a observação da pesquisa. Essa pesquisa face a face requer muita cautela, “jogo de cintura”, por parte do pesquisador para que não influencie diretamente na fala do entrevistado, deve ser um ambiente confortável e familiar para o colaborador e o mais silencioso que puder para que tudo saia o mais natural possível (OLIVEIRA E SILVA, 2003).

Durante a gravação de fala, o pesquisador pode abordar temas de cunho político, econômico, social e estrutural sobre a comunidade para que a fala do colaborador da pesquisa seja sempre a mais natural. Labov recomenda, para esse aspecto, que seja desenvolvida uma narrativa de cunho pessoal, pois um indivíduo quando expõe sua vivência tende a não se autocorrigir e, conseqüentemente, fica mais desatento à forma linguística que ele está fazendo uso, concentrando-se mais no conteúdo sobre o tema da narrativa, obtendo assim a fala mais natural possível do colaborador.

É importante dizer que na área da sociolinguística existem várias formas de realizar uma coleta de dados, não obstante, para esta pesquisa foram escolhidas formas que melhor se encaixaram em todos os procedimentos da pesquisa, desde a logística até a transcrição. É o que veremos nos próximos tópicos.

2.1 METODOLOGIA USADA NA PESQUISA

Neste tópico, apresentamos a metodologia usada para a realização da coleta de dados, bem como a comunidade de fala, os colaboradores entrevistados, as gravações de fala e as transcrições.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada, fez-se necessário um estudo sobre como desenvolver uma pesquisa e coleta de dados. Esse estudo foi realizado durante o andamento do grupo de estudo GETEGRA (Grupo de Estudos em Teoria da Gramática), ministrado pela

Professora Dr^a. Renata Livia de Araújo Santos, na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), no período de 18 de outubro de 2017 a 13 de junho de 2018. Nele foram apresentadas informações necessárias e fundamentais para o bom desenvolvimento da pesquisa. A coleta de dados e todo o procedimento necessário como escolha de comunidade, estratificação social e seleção de colaboradores foram realizados ainda durante o estudo feito no GETEGRA.

O *corpus* a ser analisado foi obtido através de entrevista sociolinguística dentro dos princípios da teoria Laboviana (2008 [1972]). A coleta foi realizada entre os dias 12 e 15 de março do ano de 2018, de forma intensiva, na cidade de Orocó, localizada no sertão de Pernambuco. O tempo de duração da coleta de dados foi relativamente curto, mesmo com todas as estratificações, pelo motivo de não haver dificuldades para encontrar todos os colaboradores, tendo em vista que o pesquisador também é integrante da comunidade analisada.

2.1.1 COMUNIDADE DE FALA OROCÓ¹⁰

Segundo Labov (2008 [1972]), uma comunidade de fala é caracterizada através de normas que regem e estão presentes na língua. Essas normas possibilitam aos indivíduos a sua identificação com aquela comunidade, além de permitir o reconhecimento de outro indivíduo pertencente a mesma comunidade ou a outra. Vale salientar que as normas linguísticas constituídas em uma comunidade tendem a ser compartilhadas entre os seus usuários sem nenhum tipo de imposição, apenas convenção. Além disso, em uma comunidade de fala pode haver diferentes culturas e crenças dando ainda mais variedade àquela comunidade.

Labov (2008, p.150) afirma o seguinte:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Sendo assim, sem entrarmos em problemas específicos que rodeiam essa definição, escolhemos como comunidade de fala para a realização deste estudo a cidade de Orocó, no

¹⁰ Para construção desse tópico foram usadas informações retiradas das ferramentas “Google e Wikipédia”, bem como o conhecimento do pesquisador em relação à cidade, já que este é natural de Orocó.

estado de Pernambuco. Ela foi fundada em 1963, mas é sabido que há muito tempo o local foi habitado primitivamente por indígenas, por ser um lugar muito propício à caça e à pesca, já que é banhado pelo Rio São Francisco. Posteriormente, o local se tornou uma fazenda de criação de gado de propriedade do Sr. Mariano Reis. Por volta de 1912, o Sr. Quirino do Nascimento, que residia no Estado da Bahia, instalou-se no local, que dava acesso à travessia do Rio São Francisco, que separa os estados de Pernambuco e da Bahia.

Com o aumento do movimento, veio a necessidade de realização de uma feira, que ocorreu pela primeira vez em 1915, e logo foi totalmente destruída, no ano de 1919, pela grande cheia do Rio São Francisco. Por esse motivo, as casas foram reconstruídas mais distantes da margem do referido Rio, que com o progresso da povoação passou a Distrito, sendo doado o terreno do patrimônio de São Sebastião, pelo Sr. Quirino Nascimento.

A origem do nome Orocó, que significa “entre montanhas”, vem da língua indígena Cariri, falada pela tribo Cariri Dzubucuá, que habitava a região de Cabrobó à Orocó.

A Cidade faz fronteira ao norte com a cidade de Parnamirim, a Leste com Cabrobó, a Oeste com Santa Maria da Boa Vista e ao Sul com o Estado da Bahia. Orocó fica a 569km de distância da capital do estado, Recife. Segundo o censo 2013 do IBGE, Orocó possui uma população de 14.071 habitantes, sendo a metade residida em área rural. A cidade tem um clima muito quente que em determinadas épocas do ano pode chegar a 40°C.

Segundo dados sobre o produto interno bruto dos municípios, divulgado pelo IBGE referente ao ano de 2011, a soma das riquezas produzidas no município é de 96.046 milhões de reais (117º maior do estado), sendo o setor de serviços o mais representativo na economia orocoense, somando 53.665 milhões. Já os setores industrial e da agricultura representam 13.359 milhões e 24.897 milhões, respectivamente. Apesar de a agricultura representar 1/3 da economia da cidade, ela é uma das áreas de maior importância para cidade, sendo distribuídas frutas e verduras em grande quantidade para a região, inclusive para outros Estados.

A cidade conta com duas escolas estaduais, duas particulares e dezenas de escolas municipais distribuídas na área urbana e rural. Infelizmente na cidade não há instituições de ensino superior e por esse motivo seus estudantes são obrigados a se locomoverem ou, até mesmo a se mudarem, para cidades vizinhas como, por exemplo, Petrolina, Belém do São Francisco, Salgueiro, Serra Talhada etc.

Alguns eventos são realizados na cidade em quase todos os anos. A festa do padroeiro da cidade é o principal evento que acontece em Orocó e movimenta bastante a economia devido à grande quantidade de pessoas das cidades da região que apreciam o evento. Além

desse, outros eventos como, festa da agricultura, festa do caprino e ovino, festa de São João, aniversário da cidade, também são atrações comuns na cidade.

Essas foram apenas algumas informações que consideramos relevantes de serem apresentadas a fim de conhecermos melhor a comunidade de fala com a qual estamos trabalhando. Assim, conhecendo um pouco sobre a comunidade, partimos agora para a seleção dos colaboradores da pesquisa. É o que veremos no próximo tópico.

2.1.2 COLABORADORES

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistados 12 colaboradores, divididos em três faixas de idade: 15 a 30 anos (F1¹¹), 35 a 50 anos (F2) e 55 a 70 anos (F3). Faz-se necessária essa divisão devido à necessidade de análise do fenômeno em estudo que possa acontecer a partir das diferentes faixas etárias. Além de considerarmos a faixa etária dos colaboradores, também dividimos por sexo e dois níveis de escolaridade: ensino básico e ensino superior (EB e ES, respectivamente). Sendo assim, a divisão ficou da seguinte forma:

Quadro 4: Estratificação social dos colaboradores

Informante	Faixa etária	Escolaridade
Col. 1 (Masculino)	F1	EB
Col. 2 (Feminino)	F1	EB
Col. 3 (Masculino)	F1	ES
Col. 4 (Feminino)	F1	ES
Col. 5 (Masculino)	F2	EB
Col. 6 (Feminino)	F2	EB
Col. 7 (Masculino)	F2	ES
Col. 8 (Feminino)	F2	ES
Col. 9 (Masculino)	F3	EB
Col. 10 (Feminino)	F3	EB
Col. 11 (Masculino)	F3	ES
Col. 12 (Feminino)	F3	ES

Fonte: o autor.

Sabemos que ao selecionarmos apenas 12 colaboradores e conseguirmos apenas em torno de 12 minutos de gravação, corremos o risco de não conseguirmos alcançar uma representatividade da fala da comunidade em estudo, porém, temos com este trabalho a intenção de “dar o pontapé inicial” na investigação sociolinguística dessa comunidade, com o intuito de em outro momento e espaço aprofundarmos melhor essa investigação. A respeito

¹¹ A sigla F1 significa Faixa 1, que está relacionada à faixa etária dos colaboradores. Logo, compreendemos as demais siglas F2 e F3.

disso, Freitag (2016) reflete em seu texto “Sociolinguística no/do Brasil” sobre o porquê da sociolinguística desenvolvida no Brasil seguir uma abordagem diferente da proposta pioneira de Labov (2006 [1966]), que preconiza uma investigação com grandes números de informantes e, conseqüentemente, com grandes números de dados:

Por que a sociolinguística do Brasil tomou esse rumo, com a priorização das interfaces teóricas em detrimento aos papéis sociais, com coletas de dados com número relativamente reduzidos de informantes por comunidade de fala? A interação entre dois fatores – produção de dados para alimentar modelos teóricos de língua e a força de políticas de financiamento e nucleação da pesquisa na pós-graduação – pode dar pistas para esse caminho que a Sociolinguística do Brasil seguiu (FREITAG, 2016, p. 453).

Através da hipótese levantada pela pesquisadora, percebemos então que trabalhos com poucos colaboradores e até mesmo com pouco tempo de gravação são comuns tendo em vista a realidade brasileira que cerca esse tipo de pesquisa. E que, contudo, elas são válidas, uma vez que reflete de maneira primária a fala de uma comunidade.

No próximo tópico, explanamos sobre o passo a passo da coleta de dados bem como o roteiro criado para a realização das entrevistas.

2.1.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados sociais, começamos com o preenchimento das fichas sociais, que na verdade foram feitas através de gravação de áudio, e posteriormente foram digitadas em documento Word. Assim, coletamos informações relevantes sobre cada um dos colaboradores, informações estas que podem ser necessárias para uma melhor compreensão dos resultados a serem obtidos. Faz-se necessário ressaltar que a coleta desses dados foi gravada como uma estratégia metodológica, a fim de que os colaboradores já começassem a se acostumar com a gravação de sua fala.

Para a coleta de dados linguísticos, elaboramos um roteiro de entrevista contendo perguntas com temas sobre fenômenos da natureza, eventos, lugares da cidade, necessidades, desenvolvimento, política e educação. Tais perguntas foram divididas em dois grupos, as perguntas para nível de escolaridade básico e nível de escolaridade superior. Além disso, desenvolvemos alguns tópicos, sobre os quais os colaboradores narraram fragmentos de eventos acontecidos. Para as narrativas, usamos os seguintes temas: importância do rio São Francisco, perigos de vida e festa de São João.

A justificativa usada para a realização da entrevista foi alegar que estávamos fazendo uma pesquisa sobre a cidade e sobre a opinião dos moradores da localidade em relação ao seu desenvolvimento. Ao término das gravações, era revelado o real motivo da entrevista e posteriormente apresentado e lido o termo de consentimento para que todos ficassem esclarecidos e livres para aceitar ou não a utilização de sua gravação para fins acadêmico-científicos.

Dando seguimento à entrevista, foram feitas as seguintes perguntas:

Nível Básico De Escolaridade

Com que frequência chove em sua cidade?

Quais atrações de lazer em sua cidade?

Qual lugar você mais aprecia (gosta) em sua cidade?

O que você acha que falta em sua cidade?

Qual principal evento em sua cidade?

Nível Superior De Escolaridade

Como os jovens de sua cidade se comportam em sociedade?

Qual o grau de necessidade de uma instituição de ensino superior em sua cidade?

As pessoas de sua cidade focam muito em status?

Sobre a política brasileira atual, qual sua opinião?

O que você acha do desenvolvimento de sua cidade?

As entrevistas tiveram uma média de 15 minutos e todas foram realizadas nas casas dos colaboradores, tendo em vista a necessidade de os colaboradores se manterem mais à vontade possível.

Depois de realizada a coleta de dados, o passo seguinte foi fazer a transcrição e para isso é necessário seguir uma norma de transcrição. Sendo assim, no tópico a seguir, falamos sobre o modelo de normas de transcrição que usamos.

2.1.4 TRANSCRIÇÃO

Ao término da coleta de dados, fizemos as transcrições do *corpus* obtido. Durante a transcrição mantivemos, da melhor forma possível, a fidelidade daquilo que foi dito na gravação. Para a transcrição, cada gravação foi ouvida várias vezes a fim de não haver distanciamento da fala do colaborador durante a gravação. Além disso, concordamos em não

manter a pontuação gráfica, exceto aquelas que se adequam à transcrição, conforme as normas de transcrição escolhidas, que foram adotadas do modelo utilizado no Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da referida universidade (PPGLL/FALE/UFAL), com ajustes necessários realizados pelo pesquisador. A saber, abaixo estão algumas dessas normas:

1. Sinal de hífen para pausas curtas - médias -- e longas ---
2. Sinal de dois pontos para prolongamentos curtos : médios :: e longos ::: de sílabas ou vogais
3. Sinal de X para sílaba não compreendida e XXX para fragmento não compreendido
4. Sinal de sublinhar ___ para falas de ambos simultaneamente
5. Sinal de letra maiúscula ABC para alteração de voz

Falamos sobre as normas de transcrição neste tópico, agora, no próximo tópico, falaremos sobre a rotação dos dados para obtenção dos números que nortearam a nossa análise e discussão.

2.2 PROGRAMA COMPUTACIONAL GOLDVARB X

O GOLDVARB X é uma versão atualizada do VABRUL e foi desenvolvido por David Sankoff, matemático canadense, no ano de 1978. Este programa tem por objetivo “implementar a proposta de William Labov (1972) quanto ao tratamento estatístico dos fenômenos variáveis” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 08).

Devido ao fator quantitativo da teoria sociolinguística variacionista, faz-se necessário uma análise dos dados para conseguir a variabilidade linguística, essa análise é possível de realização por meio do programa GOLDVARB X.

Esse programa verifica o efeito relativo de cada fator nas variáveis em estudo, gerando uma projeção dos valores a partir de pesos relativos. Essa projeção, os valores percentuais e as medidas estatísticas apontam quais fatores em análise são significativos ou não (SCHERRE; NARO, 2003 *apud* SANTOS; VITÓRIO, p. 44).

Além disso, alguns dos motivos que nos fizeram optar por esse programa foram as diversas vantagens que o GOLDVARB X proporciona, entre elas: o programa é dedicado à estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural; possui rotinas que permitem

a recodificação e outros manuseios dos dados; cria um modelo matemático dos dados que vai além de resposta sim e não sobre a influência de uma variável na outra (SANTOS; VITÓRIO, 2011). Ademais, o programa pode ser manuseado em vários tipos de sistemas operacionais, o que facilita o andamento da pesquisa.

Para a realização da rodagem dos dados no GOLDVARB X, é preciso adequar esses dados ao programa. Dessa forma, Santos e Vitório (2011, p. 45) atentam para a preparação da rodada dos dados.

Antes de executarmos o programa, é preciso falar sobre a preparação para a rodada dos dados. (...) A primeira e a segunda (1. Delimitando as variáveis e 2. Codificando os dados, respectivamente) são destinadas aos passos necessários para uma rodada no GOLDVARB X e a terceira seção (3. Executando o GOLDVARB X) é responsável pelo passo a passo da rodada dos dados através do referido programa.

Sendo assim, a codificação dos dados é um passo obrigatório quando se pretende utilizar o referido programa. Dessa forma, a delimitação das variáveis para esta pesquisa, bem como os respectivos códigos referentes a cada uma delas, ficou da seguinte forma:

VARIÁVEL DEPENDENTE

- 1 – Presença do fenômeno de aspiração
- 0 – Ausência do fenômeno de aspiração

VARIÁVEIS INDEPENDENTES – Linguísticas

Dimensão do vocábulo

- M – Monossílabo
- D – Dissílabo
- O – Outros

Classes de Palavra

- C – Conjunção
- H – Preposição
- P – Pronome
- N – Numeral

A – Artigo
V – Verbo
S – Substantivo
B – Advérbio

Contexto Precedente

G – Vogal /a/
E – Vogal /e/
I – Outras Vogais /i/ /o/ /u/

Contexto Procedente

M – Consoante /m/
N – Consoante /n/
D – Consoante /d/
L – Consoantes Vozeadas /b/ /l/ /g/ /v/ /ʒ/
K – Consoantes Desvozeadas /p/ /k/ /f/ /ʃ/
O – Vogais /a/ /e/ /i/ /o/

Posição

Y – Fronteira de sílaba
W – Final de vocábulo

VARIÁVEIS INDEPENDENTES – Extralinguísticas

Sexo

F – Feminino
M – Masculino

Idade

1 – F1 = 15 a 30 anos
2 – F2 = 35 a 50 anos
3 – F3 = 55 a 70 anos

Escolaridade

B – Ensino Básico

S – Ensino Superior

Salientamos que para a realização da análise dos nossos dados foi necessário fazer duas rodadas no programa. O motivo da dupla rodada foi que na primeira o programa acusou *knockout*¹² em um dos fatores da variável “contexto precedente”, o fator era “sem contexto precedente”, cuja codificação era Z. Sendo assim, optamos por retirar esse fator ao invés de excluir toda a variável.

Assim, com a delimitação das variáveis, o próximo passo dado para a continuação da nossa pesquisa foi a análise dos dados, que serão mais bem explicados no próximo capítulo.

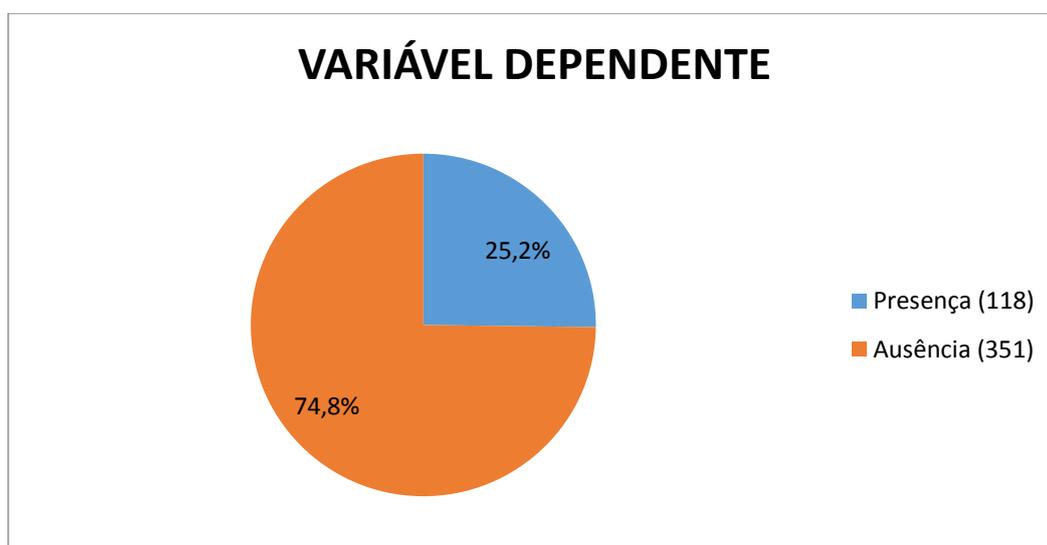
¹² “Um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para obtermos os resultados acerca do fenômeno de aspiração da alveolar desvozeada /s/ na comunidade de fala Orocó-PE, analisamos 469 palavras distribuídas em oito variáveis, sendo cinco variáveis linguísticas e três variáveis extralinguísticas.

A obtenção dos resultados só foi possível devido ao uso do programa GOLDVARB X, em que fizemos a realização de algumas rodadas dos dados coletados. Notamos que na comunidade de fala Orocó-PE teve um maior número da ausência do fenômeno de aspiração, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Ausência e presença do fenômeno de aspiração da alveolar desvozeada /s/ na cidade de Orocó-PE



Fonte: o autor.

O gráfico acima nos mostra uma grande diferença entre as porcentagens, tendo um número maior de realizações a ausência do fenômeno que estamos estudando. Assim, podemos dizer que a comunidade de fala onde foi feita a coleta dos dados tende a fazer um uso maior das formas linguísticas consideradas padrão quando relativo ao fenômeno em estudo.

Sendo assim, abaixo mostramos e explicamos os gráficos e tabelas referentes às oito variáveis escolhidas para a análise, divididas entre linguísticas e extralinguísticas. Salientamos que para uma melhor compreensão dos resultados das variáveis, uma vez que elas não estão apresentadas na ordem de relevância apontada pelo programa GOLDVARB

X, mostramos no quadro abaixo esta ordem antes de iniciarmos a discussão sobre cada uma delas.

Quadro 5 – ordem de relevância das variáveis

VARIÁVEIS	ORDEM DE RELEVÂNCIA
Contexto Procedente	1ª variável significativa
Contexto Precedente	2ª variável significativa
Sexo	3ª variável significativa
Escolaridade	1ª variável não significativa
Dimensão do Vocábulo	2ª variável não significativa
Classe de Palavra	3ª variável não significativa
Posição	4ª variável não significativa
Idade	5ª variável não significativa

Fonte: o autor.

Ao observarmos o quadro acima, é preciso destacarmos que a variável “escolaridade”, que foi apontada como a primeira entre as variáveis de menor relevância, na verdade, é considerada a de menor significância de todo o estudo. Ou seja, a variável escolaridade é a variável apontada como a que menos tem o poder de influenciar a variação entre presença e ausência do fenômeno de aspiração da consoante alveolar desvozeada, na comunidade de Orocó, Pernambuco.

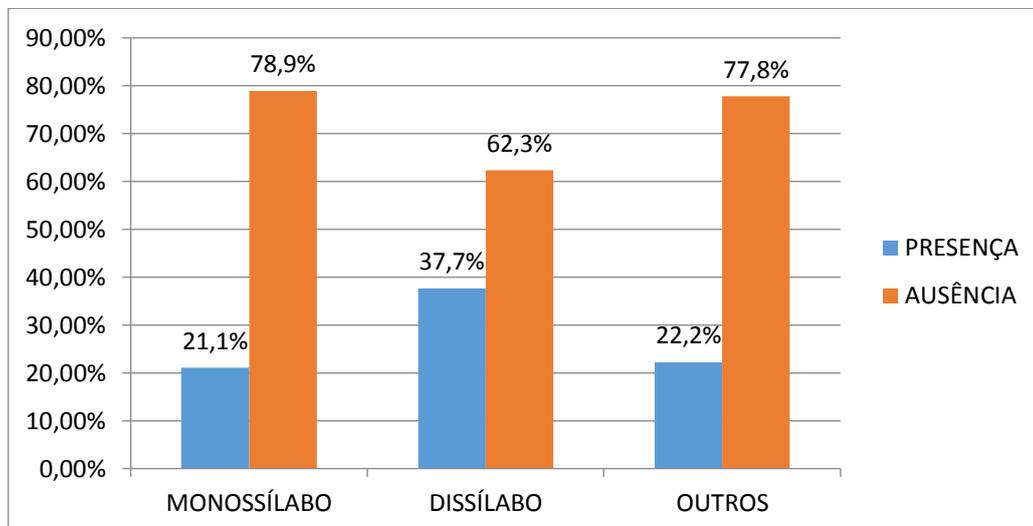
Lembramos ainda que a relevância de cada fator das variáveis é gerada por meio do programa GOLDVARB X, através do peso relativo, e que há uma escala de neutralidade que vai de 0.450 a 0.550, que estamos considerando neste trabalho. Isso significa dizer que os pesos que estão nessa zona são, por probabilidade, considerados neutros, ou seja, que não influenciam diretamente a variação em estudo. Os que estão acima de 0.550 levam a presença da aspiração do fonema fricativo alveolar dental desvozeado /s/ e os que estão abaixo de 0.450 a ausência desse uso linguístico.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES – LINGUÍSTICA

Para o grupo das variáveis independentes linguísticas foram selecionadas cinco variáveis com seus respectivos fatores:

DIMENSÃO DO VOCÁBULO

Gráfico 2: Resultados da variável dimensão do vocábulo



Fonte: o autor .

Nesta variável, observamos que a realização do fenômeno tem uma maior ocorrência em vocábulos dissílabos, com 37,7% de realizações. Já sobre a ausência do fenômeno, os vocábulos monossílabos se destacam com uma maior frequência de ocorrências 78,9%, porém o fator, OUTROS, registrou uma quantidade muito próxima dos monossílabos.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 1: Números da variável dimensão do vocábulo

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
MONOSSÍLABO	73/346/21,1%	273/346/78,9%	0.490
DISSÍLABO	43/114/37,7%	71/114/62,3%	0.562
OUTROS	02/09/22,2%	07/09/77,8%	0.152

Fonte: o autor.

Na tabela acima, observamos que o fator monossílabo obteve um número maior de realizações, foram 346, sendo 73 delas diante da variante presença do fenômeno e 273 em relação à variante ausência. Esses resultados mostram que na comunidade de fala em análise

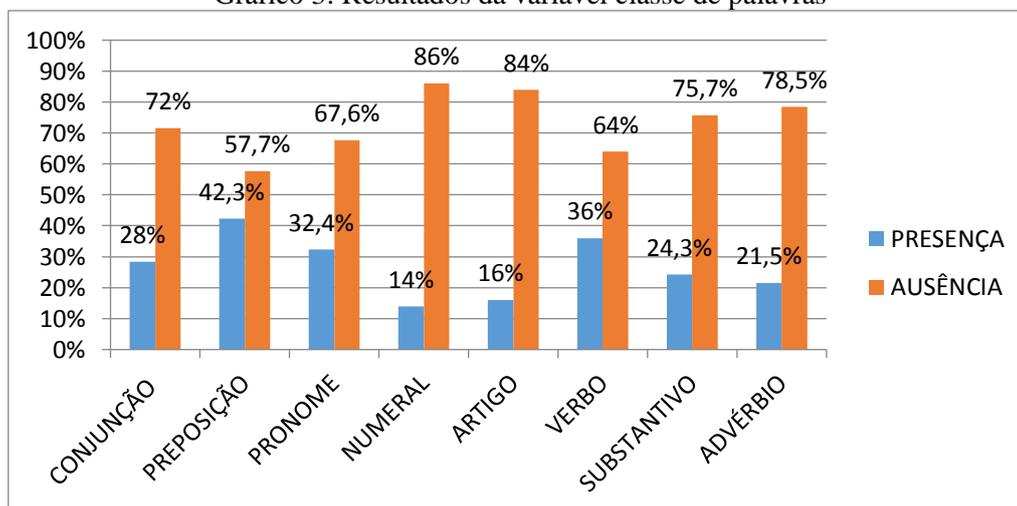
o nosso objeto de estudo tende a ocorrer, em maior frequência, em vocábulos monossílabos, ou seja, palavras mais curtas. Apesar disso, notamos que todos os fatores apontam para a ausência do fenômeno, resultando na não influência sobre o objeto da pesquisa.

Além disso, os pesos relativos de todos os fatores apresentam resultados não significativos uma vez que ficaram próximos da escala de neutralidade 0.450 – 0.550. O fator monossílabo apresentou o peso relativo de 0.490, já o fator dissílabo, que teve o melhor resultado, obteve 0.562, que é acima da zona de neutralidade, porém muito próximo, e o fator “outros” apresentou 0.152, o que caracteriza um peso relativo muito abaixo da zona de neutralidade. Destacamos, ainda, que esse mesmo fator possui o peso relativo mais baixo de todo o estudo, demonstrando que vocábulos com dimensões maiores, por exemplo, [dislɔ'ka]¹³ (OOVELYM2S¹⁴, levam a ausência do fenômeno de aspiração.

Assim, o programa acusou essa variável como não significativa, o que não corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno.

CLASSE DE PALAVRAS

Gráfico 3: Resultados da variável classe de palavras



Fonte: o autor.

Observamos que na variável classe de palavras, para a variante presença do fenômeno, o fator preposição se destaca obtendo 42,3% de realizações. Para a variante

¹³ A partir desse exemplo, destacamos o objeto de estudo em negrito.

¹⁴ Com o intuito de apontar as palavras com presença ou ausência do fenômeno estudado, colocamos, no final destas, a partir de um abre parênteses, sua codificação. Os códigos presentes nesse tópico são referentes à codificação adotada nesta pesquisa. Para entendê-los melhor, é necessário visitar o tópico 2.2, na página 39.

“ausência”, os fatores numeral e artigo ganharam destaque com números muito próximos, 86% o numeral e 84% o artigo.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 2: Números da variável classe de palavras

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
COJUNÇÃO	19/67/28,4%	48/67/71,6%	0.394
PREPOSIÇÃO	11/26/42,3%	15/26/57,7%	0.592
PRONOME	34/105/32,4%	71/105/67,6%	0.475
NUMERAL	07/50/14%	43/50/86%	0.424
ARTIGO	15/94/16%	79/94/84%	0.398
VERBO	09/25/36%	16/25/64%	0.652
SUBSTANTIVO	09/37/24,3%	28/37/75,7%	0.609
ADVÉRPIO	14/65/21,5%	51/65/78,5%	0.689

Fonte: o autor .

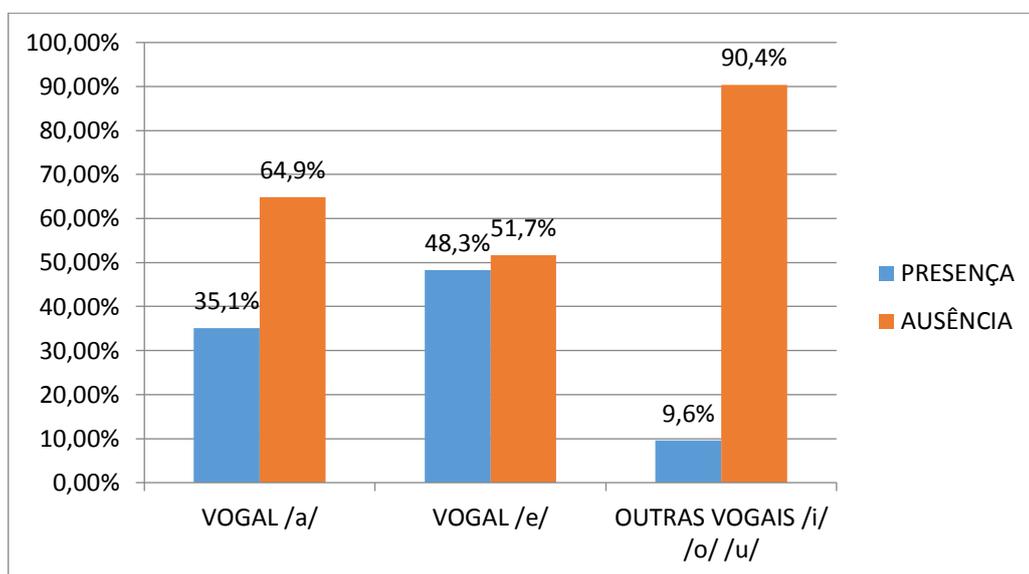
Notamos que nesta tabela o fator pronome alcançou a maior quantidade de realizações, foram 105 no total, sendo 34 para a variante presença e 71 para a variante ausência. Além disso, entre todos os fatores dessa variável, o fator pronome como, por exemplo, [ˈɛsəs] (0DPGKWM3B, foi o que teve mais realizações da forma não padrão do nosso objeto de análise e também teve a segunda maior quantidade de realizações da forma padrão.

Não obstante, o fator pronome não possui um nível alto de significância, pois o seu peso relativo está dentro da margem de neutralidade, 0.450 – 0.550, estabelecida pelo programa GOLDVARB X. Além disso, nesta variável, todos os outros fatores resultaram em uma proximidade com a neutralidade dos pesos relativos. Porém, o fator que teve o maior peso relativo nessa variável foi o fator advérbio, ele obteve o peso relativo de 0.689, destacando-se entre os demais. Em outras palavras, isso quer dizer que, quando é usado um advérbio como, por exemplo, [ˈmais] (0MBIOWF3B, para modificar um verbo ou um adjetivo, nesse momento o advérbio tende a variar na forma aspirada /h/ [ˈmai^h] (1MBGDWF1S.

Sendo assim, observamos que essa variável obteve o mesmo resultado encontrado no estudo de Rodrigues (2012), em que ela aparece como não significativa e, por outro lado, não corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno, uma vez que o programa definiu essa variável como não significativa.

CONTEXTO PRECEDENTE

Gráfico 4: Resultados da variável contexto precedente



Fonte: o autor.

Na variável do gráfico acima, notamos que o fator vogal /e/ possui números bem balanceados chegando próximo a valores iguais, esse fator registrou 48,3% de presença nas suas realizações, o maior percentual dos três fatores. O fator outras vogais /i/ /o/ /u/ teve os números melhor definidos em relação às suas realizações predominando a ausência do fenômeno em 90,4% de suas realizações.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 3: Números da variável contexto precedente

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
VOGAL /a/	54/154/35,1%	100/154/64,9%	0.738
VOGAL /e/	42/87/48,3%	45/87/51,7%	0.575
OUTRAS /i//o//u/	22/228/9,6%	206/228/90,4%	0.307

Fonte: o autor.

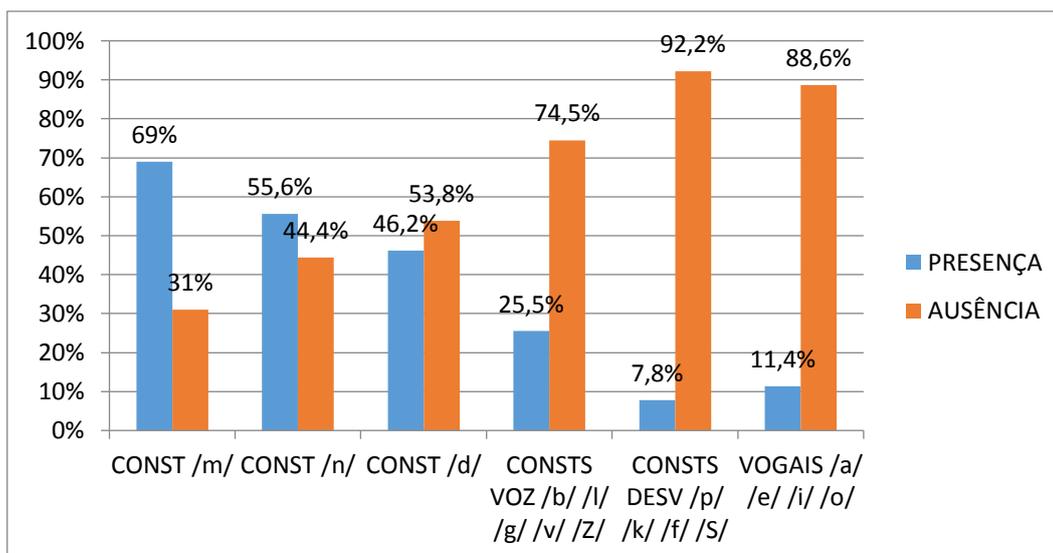
Entre os fatores desta variável, o fator outras vogais como, por exemplo, [ˈdiz] (0MVIOWF3B, destaca-se com o maior número de realizações, ele esteve presente em 228 ocorrências. Porém, o fator vogal /a/, como em [ˈmas] (0MCGOWM3B, destaca-se por ter o maior número de realizações na variante presença do fenômeno, foram 54 ocorrências contra 42 do fator vogal /e/ como, por exemplo, [ˈtres] (0MNEKWM1B, e 22 do fator outras vogais.

No que se refere aos pesos relativos, notamos que um dos fatores se destaca devido ao seu peso relativo muito acima da taxa de neutralidade, o fator vogal /a/ com 0.738, caracterizando o índice mais alto dessa variável, o fator vogal /e/ ficou muito próximo da neutralidade, 0.450 – 0.550, com 0.575 de peso relativo, já o fator outras vogais /i/ /o/ /u/ ficou muito abaixo da taxa de neutralidade, obteve 0.307 de peso relativo. Dessa forma, é visto que em contextos fonéticos em que a consoante alveolar desvozeada vem antecedida pela vogal /a/ como, por exemplo, [ˈnah] (1MAGMWM3S, essa vogal tende a influenciar a realização da forma aspirada da consoante /s/.

Dessa forma, o programa acusou essa variável como significativa, concordando com os estudos de Rodrigues (2012) e Brescancini (2004) e corroborando com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno em análise. No entanto, essa mesma variável não condiz com o estudo de Marins e Margotti (2012), em que ela é definida com não significativa.

CONTEXTO PROCEDENTE

Gráfico 5: Resultados da variável contexto procedente



Fonte: o autor.

Nesta variável, observamos que dois dos seis fatores apresentaram números maiores para a variante presença do fenômeno, consoante /m/ e consoante /n/, tendo um maior destaque o primeiro, com 69% de presença nas suas realizações, o segundo teve 55,6% de presença nas suas realizações. Os fatores consoantes desvozeadas e vogais se destacam pelas porcentagens favoráveis à ausência do fenômeno, 92,2% para o primeiro e 88,6% para o segundo.

Tabela 4: Números da variável contexto procedente

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
CONSOANTE /m/	40/58/69%	18/58/31%	0.890
CONSOANTE /n/	15/27/55,6%	12/27/44,4%	0.840
CONSOANTE /d/	24/52/46,2%	28/52/53,8%	0.829
CONS. VOZ <i>/b//l//g//v//z/</i>	12/47/25,5%	35/47/74,5%	0.670
CONS. DESV <i>/p//k//f//s/</i>	12/153/7,8%	141/153/92,2%	0.243
VOGAIS <i>/a//e//i//o/</i>	15/132/11,4%	117/132/88,6%	0.307

Fonte: o autor.

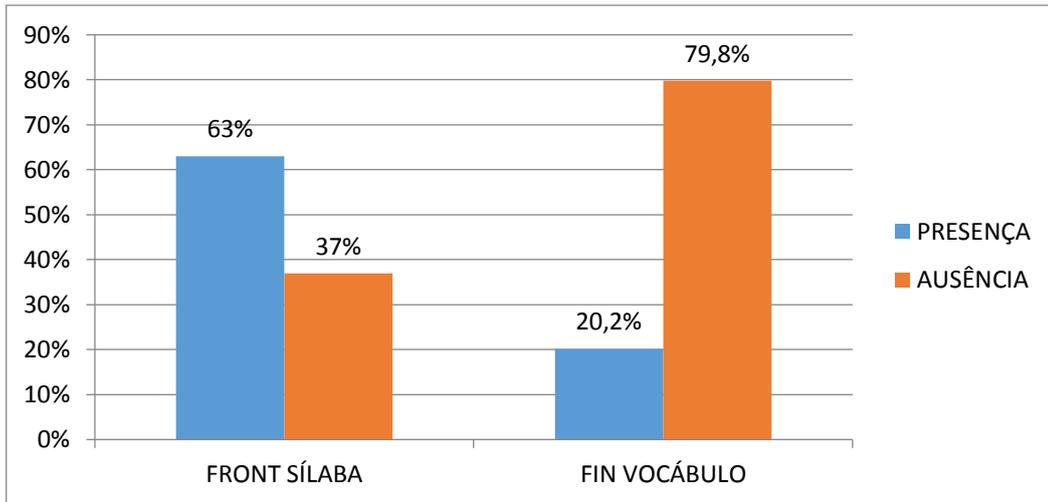
Na tabela acima, notamos que o fator consoantes desvozeadas como em, [ˈnɔs] (0MPIKWM3S, conseguiu o maior número de acontecimentos, no total foram 153, com 12 acontecimentos na variante presença e 141 na variante ausência. No entanto, outros dois fatores desta variável obtiveram quantidades de realizações maiores na variante presença, o fator consoante /m/ como, por exemplo, [ˈmesmu] (0DPEMYM1B, que teve 40 ocorrências com presença do fenômeno contra 18 com ausência, e o fator consoante /n/ como, por exemplo, [ˈotrus] (0DPINWM2S, que teve 15 ocorrências com presença e 12 com ausência.

Notamos que, na tabela acima, existem três fatores que possuem as taxas de peso relativo muito altas, bem acima da escala de neutralidade 0.450 – 0.550, são os fatores consoante /m/ com 0.890 de peso relativo, consoante /n/ com 0.840 e o fator consoante /d/ com 0.829. Ou seja, em contextos fonéticos em que a consoante alveolar desvozeada vem seguida das consoantes /m/, /n/ ou /d/ como, por exemplo, em [ˈmehmu] (1DPEMYF3S; [ˈfih] (1MVINWM1B; e [ˈdehdi] (1DHEDYF3B, essas consoantes, que possuem traços nasal e oclusiva, tendem a influenciar a realização da forma aspirada da consoante /s/. Também observamos outros dois fatores com os respectivos pesos relativos bem abaixo da neutralidade, são os fatores consoantes desvozeadas /p/ /k/ /f/ /ʃ/, com 0.243, e o fator vogais /a/ /e/ /i/ /o/, com 0.307 de peso relativo, já o fator consoantes vozeadas /b/ /l/ /g/ /v/ /z/ obteve 0.670 de peso relativo, foi o fator mais próximo da escala de neutralidade. Destacamos, ainda, que nessa variável encontramos o fator com o maior peso relativo de todo o estudo, o fator consoante /m/ com 0.890 de peso relativo.

Sendo assim, observamos que essa variável corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno, uma vez que o programa definiu essa variável como significativa. Além disso, o resultado dessa variável vai ao encontro dos resultados obtidos pelos estudos de Rodrigues (2012), Marins e Margotti (2012) e Brescancini (2004), em que ela é tida como uma variável relevante.

POSIÇÃO

Gráfico 6: Resultados da variável posição



Fonte: o autor.

Notamos que nessa variável, o fator fronteira de sílaba registrou um número maior de realizações com presença do fenômeno, foram 63% contra 37% de ausência em suas realizações. O outro fator, por sua vez, teve um número de realizações maior para a variante ausência do fenômeno, foram 79,8% de realizações.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 5: Números da variável posição

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
FRONT. SÍLABA	34/54/63%	20/54/37%	0.692
FIN. VOCÁBULO	84/415/20,2%	331/415/79,8%	0.474

Fonte: o autor.

Nesta variável, o fator que mais teve realizações foi o final de vocábulo como em, [us] (OMNIKWF2S, com 415 ocorrências contra apenas 54 do fator fronteira de sílaba. Por conseguinte, o fator fronteira de sílaba como, por exemplo, [mesmu] (ODPEMYM1B, obteve um número maior da variante presença do fenômeno comparando com a ausência em suas ocorrências, foram 34 contra 20 ausências.

Observamos também que as taxas dos pesos relativos de ambos os fatores se destacam pela neutralidade, como já citado anteriormente 0.450 – 0.550, em relação às suas significâncias, 0.692 para o fator fronteira de sílaba, que se posiciona acima do limite da neutralidade porém muito próximo, e 0.474 para o fator final de vocábulo, que se posiciona dentro dos limites da neutralidade. Ressaltamos, ainda, que a posição da consoante alveolar desvozeada /s/, quando em fronteira de sílaba como, por exemplo, [ˈdeɦdɪ] (1DHEDYM3S, é a posição que ocorre maior realização da forma aspirada.

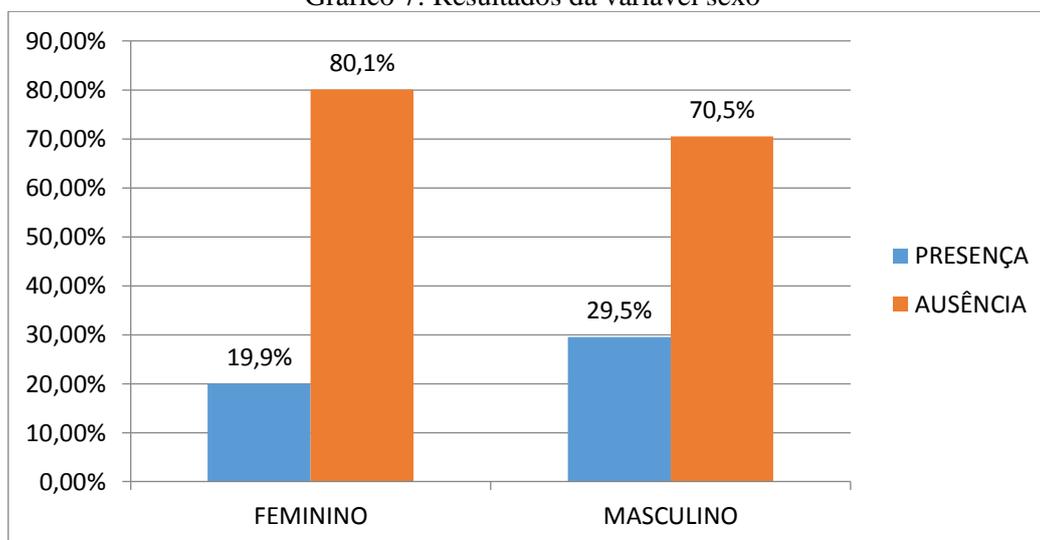
Dessa forma, o programa acusou essa variável como não relevante, concordando com o estudo de Rodrigues (2012), mas indo de encontro aos estudos de Marins e Margotti (2012) e Brescancini (2004), em que é definida como uma variável relevante. Contudo, para a nossa pesquisa, devido o resultado dado pelo programa, não corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES – EXTRALINGUÍSTICAS

Para o grupo das variáveis independentes extralinguísticas, foram selecionadas três variáveis com seus respectivos fatores:

SEXO

Gráfico 7: Resultados da variável sexo



Fonte: o autor.

Observamos que o fator masculino, nesta variável, teve um número maior de presença do fenômeno em suas realizações do que no fator oposto. Já em relação à variante ausência do fenômeno, o fator feminino teve maior número de porcentagem do que o fator masculino, foram 80,1% contra 70,5% em suas realizações.

Tabela 6: Números da variável sexo

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
FEMININO	42/211/19,9%	169/211/80,1%	0.375
MASCULINO	76/258/29,5%	182/258/70,5%	0.603

Fonte: o autor.

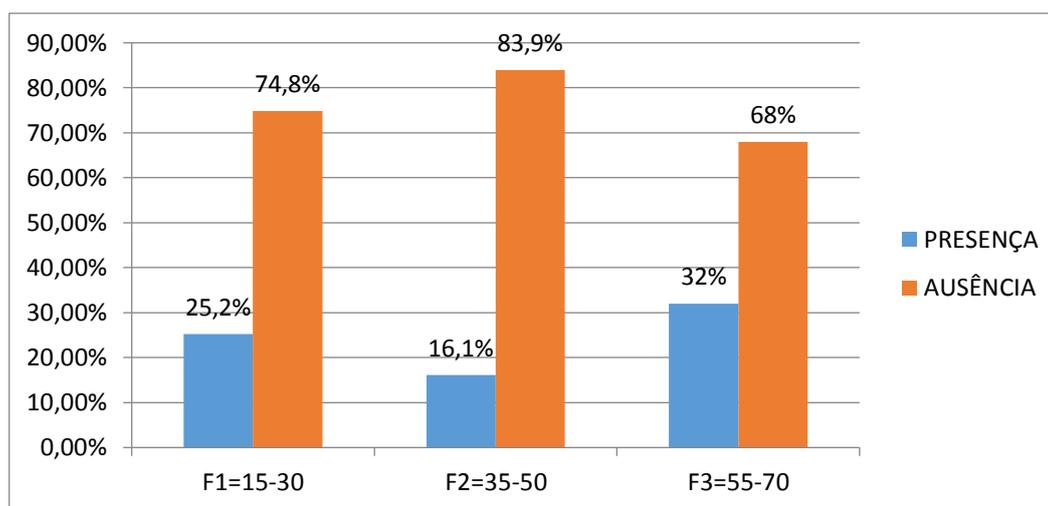
Nesta variável, notamos que o fator masculino alcançou os maiores números entre as duas variantes, 76 na presença e 182 na ausência, totalizando 258 ocorrências. Mas, o fator feminino teve resultados próximos aos do fator masculino, 42 na variante presença e 179 na ausência, totalizando 211 realizações.

Observamos que nenhum dos fatores ficou dentro da zona de neutralidade do peso relativo, o fator feminino ficou abaixo com 0.375 de peso relativo e o fator masculino ficou com 0.603, ficando acima da escala de neutralidade. Podemos pensar que esse resultado pode demonstrar que as orocoenses procuram monitorar suas falas um pouco mais que os orocoenses, revelando-se que a pressão social em relação a esse grupo, de mulheres, do interior, sertanejas, nordestinas, parece existir.

Sendo assim, observamos que essa variável corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria sobre a presença do fenômeno uma vez que o programa GOLDVARB X definiu essa variável como significativa. Ademais, notamos que essa variável está em concordância com os estudos de Rodrigues (2012), Marins e Margotti (2012) e Rodrigues, Araújo e Aragão (2013), em que também é definida como variável significativa. Porém, ela vai de encontro ao estudo de Brescancini (2004), em que não é definida como uma variável com significância.

IDADE

Gráfico 8: Resultados da variável idade



Fonte: o autor.

Notamos que nesta variável o fator faixa etária 3 se destaca diante da variante presença do fenômeno com 32% de suas realizações. Já diante da ausência do fenômeno, o fator faixa etária 2 fica na frente com 83,9% de suas realizações.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 7: Números da variável idade

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
F1=15-30	31/123/25,2%	92/123/74,8%	0.504
F2=35-50	24/149/16,1%	125/149/83,9%	0.382
F3=55-70	63/197/32%	134/197/68%	0.587

Fonte: o autor.

Observamos na tabela acima que o fator faixa etária 3 possui os maiores números entre as duas variantes, de 197 ocorrências 63 foram diante da variante presença e 134 da variante ausência.

De acordo com a escala de neutralidade, 0.450 – 0.550, sugerida pelo programa GOLDVARB X, as taxas dos pesos relativos dos três fatores dessa variável ficaram muito

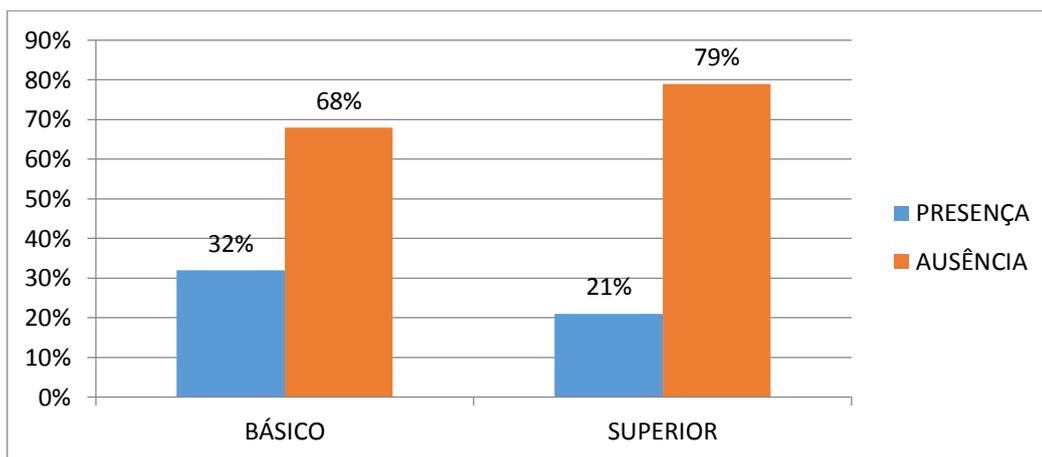
próximas ou dentro da faixa de neutralidade. Mais detalhadamente, o fator faixa etária 1 obteve peso relativo 0.504 (dentro da zona de neutralidade), o fator faixa etária 2 teve peso relativo 0.382 (abaixo da zona neutra) e o fator faixa etária 3 com 0.587 de peso relativo (acima da referida zona).

Podemos observar, então, que o grupo em fase escolar parece não sentir pressão social quanto a esse fenômeno e que, como esperávamos, o grupo com mais idade é o que mais usa a aspiração.

Sendo assim, observamos que essa variável não corrobora com a nossa hipótese de que esse grupo de fatores influenciaria a presença do fenômeno, uma vez que o programa definiu essa variável como não significativa. Observamos, também, que não condiz com os estudos de Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) e Brescancini (2004), em que essa variável foi tida como influenciadora. Por outro lado, está em conformidade com os estudos de Rodrigues (2012) e Marins e Margotti (2012), como uma variável não significativa.

ESCOLARIDADE

Gráfico 9: Resultados da variável escolaridade



Fonte: o autor.

Nesta variável, o fator ensino básico teve maior realização com presença do fenômeno do que o fator concorrente, superior, foram 32% contra 21% de suas realizações. Nas realizações com ausência do fenômeno o fator superior se destaca com 79% de suas realizações.

Observamos, portanto, que de acordo com os dados percentuais obtidos para a variável escolaridade, uma escolarização mais elevada é sinônimo de maior ausência do fenômeno em estudo.

Na tabela a seguir, podemos compreender melhor os resultados obtidos com o total de ocorrências para presença ou ausência do fenômeno, a porcentagem e os pesos relativos para cada fator.

Tabela 8: Números da variável escolaridade

	P/TOTAL/%	A/TOTAL/%	PR
ENS. BÁSICO	57/178/32%	121/178/68%	0.547
ENS. SUPERIOR	61/291/21%	230/291/79%	0.471

Fonte: o autor.

A variável escolaridade apresenta uma proximidade interessante nas ocorrências da variante presença do fenômeno, o fator ensino superior registrou 61 realizações contra 57 do fator ensino básico. Na variante ausência do fenômeno, o fator ensino superior se distancia com 230 ocorrências, contra 121 ocorrências do fator ensino básico.

Notamos que o peso relativo de ambos os fatores resultou em números dentro da escala de neutralidade, 0.450 – 0.550, sendo 0.547 de peso relativo para o fator ensino básico e 0.471 para o fator ensino superior. Esse resultado parece confirmar o que foi encontrado no grupo etário que se encontra em fase escolar (F1), cujo peso relativo foi considerado neutro.

Dessa forma, o programa acusou essa variável como não significativa, o que não corrobora com a nossa hipótese de que essa variável influenciaria a presença do fenômeno e também não está de acordo com o estudo de Rodrigues, Araújo e Aragão (2013), em que essa variável foi considerada como significativa. Não obstante, devido ao resultado estabelecido pelo programa, ela está em consonância com os estudos de Rodrigues (2012), Marins e Margotti (2012) e Brescancini (2004), em que é definida como uma variável que não influencia.

Sendo assim, de acordo com os nossos objetivos, que são “apresentar uma pesquisa quantitativa, dentro das normas da sociolinguística” e “obter resultados significativos sobre a fala dos moradores da cidade de Orocó”, através da análise feita neste capítulo, observamos que nossos objetivos foram contemplados, uma vez que a fala dos moradores da comunidade de Orocó-PE, mais especificamente a variação da fricativa alveolar desvozeada, pode sim

ser influenciada por diversos tipos de fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos, como visto na análise acima.

Na próxima parte, trazemos algumas considerações acerca da nossa pesquisa, para que a análise realizada seja elucidada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou um estudo quantitativo, dentro dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística (2008 [1972]), a fim de descrever aspectos linguísticos da fala dos moradores da cidade de Orocó. Observamos a variação linguística presente na fala dos orocoenses a partir da seleção do fenômeno de aspiração do fonema fricativo alveolar dental desvozeado /s/, que chamou a nossa atenção, a partir da análise prévia dos dados de fala, devido à grande ocorrência.

A pesquisa foi fundamentada na Teoria da Sociolinguística, que tem como proposta de estudo observar a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Diz ainda que a relação entre língua e sociedade é mútua e intensifica a heterogeneidade da língua, que por sua vez já é interna e natural ao sistema linguístico. Ainda dentro da fundamentação, buscamos contextualizar o fenômeno a ser analisado, a variante [h], mediante os estudos sobre a Fonética e a Fonologia que, por sua vez, estão relacionados com o estudo da produção da fala. E para conhecermos melhor a forma com que produzimos a nossa voz, fez-se necessário um pouco mais de aprofundamento nesse quesito, mais especificamente do ponto de vista “articulatório e fisiológico” (SILVA, 2014).

A metodologia da pesquisa estabeleceu-se por meio da elaboração de um roteiro para a realização do trabalho. Primeiramente, foram coletadas fichas sociais acerca dos colaboradores da pesquisa, moradores da cidade em questão, e realizadas entrevistas com eles. Logo após, a transcrição dos dados foi feita seguindo normas de transcrição pré-estabelecidas e, por fim, a codificação dos dados foi delimitada seguindo as instruções do programa computacional GOLDVARB X, a fim de obter o *corpus* da fala da comunidade em estudo para posteriormente realizar uma análise quantitativa.

Feita a rodagem dos dados, de acordo com o programa GOLDVARB X, notamos que na comunidade de fala de Orocó, Pernambuco, há a presença de variação da consoante alveolar desvozeada /s/ realizada como /h/, que é a sua forma aspirada. No entanto, a nossa análise apontou que, nessa comunidade, a tendência na fala dos moradores de Orocó é a não realização do fenômeno de aspiração, contrariando a impressão inicial que tivemos ao observar os dados superficialmente.

Observamos ainda que, dentre as variáveis, as que mais influenciam a realização do fenômeno de aspiração, dentro de uma ordem de maior influência, como mostrado no quadro 5, foram: contexto precedente; contexto precedente; e sexo, assim, os nossos resultados

concordam com o trabalho de Rodrigues (2012) de que “tanto fatores linguísticos quanto fatores extralinguísticos têm influência sobre o fenômeno”.

Notamos que na variável contexto precedente o fator que mais se destacou foi a consoante /m/ com 0.890 de peso relativo, isso significa que no contexto em que a consoante alveolar desvozeada /s/ vem seguida pela consoante /m/ tende a ter uma maior facilidade para a realização da aspiração. Na variável contexto precedente, observamos que o fator vogal /a/ teve o maior peso relativo dessa variável, 0.738, ou seja, em contextos em que a consoante /s/ vem antecedida pela vogal /a/ também há a tendência de uma maior facilidade para a realização do nosso fenômeno de estudo. A variável sexo teve o fator masculino como o fator que mais se destacou, ele obteve 0.603 de peso relativo, isso quer dizer que, na comunidade de fala Orocó-PE, os homens tendem a realizar o fenômeno de aspiração com mais frequência do que as mulheres. Resultado esse que pode demonstrar que as mulheres da cidade de Orocó sentem pressão social em relação a sua fala, procurando monitorá-la.

Acreditamos que o nosso objetivo de apresentar uma pesquisa quantitativa foi alcançado, uma vez que obtivemos resultados descritivos sobre a fala dos moradores da cidade de Orocó, assim caracterizando a variação linguística presente na fala dos orocoenses a partir da seleção do fenômeno de aspiração do fonema fricativo alveolar dental desvozeado /s/.

Sabemos que nesta pesquisa, como em todos os trabalhos acadêmicos, há algumas lacunas que precisam ser preenchidas em trabalhos futuros: é preciso refletir melhor sobre o resultado da variável escolaridade, investigar se não há possíveis cruzamentos de dados que estejam interferindo nesse resultado, assim como em outros, por exemplo, da variável idade. Por questão de tempo e espaço, a realização do cruzamento dos dados é uma tarefa que precisará ser cumprida mais adiante. Em relação às questões de ordem linguística, apontamos, a saber, a questão da dimensão dos vocábulos, em que é preciso verificar melhor quais das outras dimensões (maiores de três sílabas) levam mais a ausência do fenômeno de aspiração.

Por fim, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para uma melhor descrição da língua em uso na nossa região, bem como inspirar e ajudar em futuras pesquisas acerca do nosso fenômeno de estudo.

5. REFERÊNCIAS

BENAYON, A. R. **Aquisição das fricativas no português brasileiro:** propriedades distribucionais e variação. Tese (Doutorado em linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2010.

BRESCANCINI, C. R. **A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano** – variação e teoria. Revista Oragon – v. 18., nº 36., 2004.

COELHO, I. L. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística II:** princípios de análise. 5. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. In: **Cadernos de estudos linguísticos.** Campinas, pp. 445-460 - set./dez. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thais Regina Conceição de; SOUSA, Valéria Santos; "Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar", p. 139 -160. In: **Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos.** São Paulo: Blucher, 2016.

Guy, G. R. & ZilleS, A. **Sociolinguística Quantitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARINS, F. S; MARGOTTI, F. W. **Comportamento fonético-fonológico do /s/ pós-vocálico em Manaus.** Revista Investigações – v. 25., nº 2., 2012.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. v. 1., 6. ed., – São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

OTHERO, G. Á.; KENEDY, E. (orgs.) **Sintaxe, sintaxes:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, A. G. P. **A realização variável de fricativas no português brasileiro.** Revista Sociodialeto – v. 2., nº 1., 2012.

RODRIGUES, A. G. P; ARAÚJO, A. A; ARAGÃO, M. S. S. **Enfraquecimento de fricativas no atlas linguístico do ceará:** uma abordagem sócio-dialetal. Revista Trama – v. 9., nº 18., 2013.

SEARA, I. C; NUNES, V.G; LAZZAROTTO, C. V. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro.** – São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

6. APÊNDICES

Roteiro De Entrevista Para Falantes De Nível Básico De Escolaridade

Com que frequência chove em sua cidade?

Quais atrações de lazer em sua cidade?

Qual lugar você mais aprecia (gosta) em sua cidade?

O que você acha que falta em sua cidade?

Qual principal evento em sua cidade?

Roteiro De Entrevista Para Falantes de Nível Superior De Escolaridade

Como os jovens de sua cidade se comportam em sociedade?

Qual o grau de necessidade de uma instituição de ensino superior em sua cidade?

As pessoas de sua cidade focam muito em status?

Sobre a política brasileira atual, qual sua opinião?

O que você acha do desenvolvimento de sua cidade?

TÓPICOS – ENTREVISTA E NARRATIVA

Entrevista

Rotina

Trabalho

Escola

Novela

Futebol

Leitura

Internet

Educação (pais e filhos)

Atendimento de órgãos públicos

Narrativas

- Rio São Francisco (problemas, qualidades, economia, educação...)
- Perigo de vida (acidentes, roubos, atendimento socorrista...)
- Festa São João (bandas, segurança, pessoas...)



Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST
OPERAÇÃO COLETA DE DADOS – GETEGRA
Professora: Renata Livia de Araújo Santos
Aluno: Carlos Álack De Lima

Ficha do informante – Informante nº:		
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME:		2. APELIDO:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. IDADE:	5. SEXO:
6. ENDEREÇO:		
7. ESTADO CIVIL:		8. NÚMERO DE FILHOS: HOMENS: MULHERES:
9. NATURALIDADE:	10. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
11. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		

12. ESCOLARIDADE:		13. OUTROS CURSOS:	
DADOS PROFISSIONAIS DO INFORMANTE			
14. QUAL PROFISSÃO VOCÊ EXERCE?		15. QUAL A OUTRA PROFISSÃO? (CASO EXERÇA DUAS OU MAIS PROFISSÕES)	
16. POR QUANTO TEMPO EXERCE ESTA PROFISSÃO?			
17. QUAIS PROFISSÕES JÁ EXERCEU?			
18. POR QUANTO TEMPO?		19. QUAL LOCALIDADE?	
20. FEZ CURSOS ESPECÍFICOS PARA A PROFISSÃO ATUAL?			
RENDA			
21. FONTES DE RENDA		22. VALOR DA RENDA () Entre 1 e 3 salários mínimos () Entre 4 e 6 salários mínimos () Mais de 7 salários mínimos	
CONTATO COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
23. ASSISTE TV?		24. PROGRAMAS FAVORITOS () Novelas () Prog. Religioso () Esportes () Filmes () Noticiário () Prog. Auditório () Outros	
25. OUVI RÁDIO? (FORA DO EXPEDIENTE DE TRABALHO)		26. PROGRAMAS PREFERIDOS: () Noticiário geral () Esportes () Prog. Religioso () Música () Noticiário policial () Prog. c/ partic. do ouvinte () Outros	
27. LÊ JORNAL?		28. NOME DO JORNAL:	29. SEÇÕES QUE GOSTA DE LER NO JORNAL:
30. LÊ REVISTA:		31. NOME DA REVISTA (TIPO):	
32. QUE RELIGIÃO PRÁTICA?			
33. PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES () CINEMA () TEATRO () SHOWS () MAN. FOLCLÓRICAS () FUTEBOL () OUTROS ESPORTES () OUTROS _____			
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA			

34. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:		
35. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:		
36. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:		
37. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
38. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
39. OBSERVAÇÕES:		
40. INQUIRIDOR:	41. CIDADE:	42. DATA:
		43. DURAÇÃO: